



# MURPHY

REVISTA DE HISTÓRIA E TEORIA DA ARQUITECTURA E DO URBANISMO  
JOURNAL OF ARCHITECTURAL HISTORY AND THEORY

# MURPHY

MURPHY é uma revista académica de história e teoria da arquitectura e do urbanismo publicada anualmente em língua portuguesa e inglesa pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

O nome da revista é uma referência ao arquitecto de origem irlandesa James Cavanagh Murphy (1760-1814) que viajou por Portugal entre 1788 e 1802 documentando edifícios portugueses, em particular o mosteiro da Batalha do qual publicou em 1795 um magnífico conjunto de desenhos. Foi com os textos e desenhos de Murphy que a arquitectura portuguesa pela primeira vez se tornou conhecida na Europa moderna.

MURPHY is an academic journal of architectural history and theory published once a year in Portuguese and English by the Imprensa da Universidade de Coimbra (Coimbra University Press).

The journal's name alludes to the Irish-born architect James Cavanagh Murphy (1760-1814) who travelled Portugal between 1788 and 1802 documenting several Portuguese buildings, in particular the convent of Batalha, on which he published a magnificent set of drawings in 1795. The writings and drawings of Murphy were the first to draw the attention of modern artistic and architectural circles outside Portugal to Portuguese architecture.

## EDITOR

### EDITOR

PAULO VARELA GOMES  
PGOMES@DARQ.UC.PT

## EDITORA-ADJUNTA

### DEPUTY EDITOR

MARIA HELENA BARREIROS  
MHBAR@RUNBOX.COM

## PÁGINA INTERNET

### HOME PAGE

WWW.UC.PT/MURPHY  
MARTA MACEDO (CO-ORD.)

## COLABORAÇÃO

### ASSISTANTS

ELIANA SOUSA SANTOS  
MARTA MACEDO, PEDRO BARRETO

## E-MAIL

MURPHY.JOURNAL@GMAIL.COM

## TRADUÇÃO

### TRANSLATION

LANGUAGE AT WORK (LIAM BURKE)  
RICHARD TREWINNARD

## PROJECTO GRÁFICO

### GRAPHIC DESIGN

DUPLO DESIGN CONSULTING

## FUND RAISING

TERESA SANTOS  
TMNSANTOS@GMAIL.COM

## PUBLICAÇÃO

### PUBLISHER

#### IMPRENSA

#### DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

RUA ANTERO DE QUENTAL, 195

3000-033 COIMBRA

PORTUGAL

TEL +351 239 853 110

FAX +351 239 853 119

MJCASTRO@CIUC.PT

## ENQUADRAMENTO

### INSTITUCIONAL

### INSTITUTIONAL

### FRAMEWORK

#### EDITORIAL DO DEPARTAMENTO

#### DE ARQUITECTURA DA

#### FACULDADE DE CIÊNCIAS

#### E TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE

#### DE COIMBRA

COLÉGIO DAS ARTES

LARGO DE D. DINIS

3000-143 COIMBRA

PORTUGAL

TEL +351 239 851 350

FAX +351 239 829 220

EDARQ@DARQ.UC.PT

## IMPRESSÃO

### PRINTING

PRO CER SA

## DISTRIBUIDOR

### DISTRIBUTOR

#### COIMBRA EDITORA

RUA DO ARNADO

APARTADO 101

3001-951 COIMBRA, PORTUGAL

TEL +351 239 852 650

FAX +351 239 852 651

REVISTAS@MAIL.COIMBRAEDITORA.PT

## PERIODICIDADE

### PUBLISHED

Anual / Yearly

## PREÇO

### PRICE

15 euros

## ISSN

1646-3412

## TIRAGEM

### PRINT RUN

1500

## DEPÓSITO LEGAL

239721/06

## FOTO DA CAPA

### FRONT COVER

CLAUSTRO DA SÉ DE LISBOA, ABÓBADA DO SEGUNDO TRAMO DA ALA NASCENTE, ENTRE AS CAPELAS DE SÃO MIGUEL E ALMAS E DE SANTO ALEIXO.

LISBON CLOISTER, VAULT OF THE SECOND BAY OF THE EAST WING BETWEEN THE CHAPELS OF SÃO MIGUEL E ALMAS AND SANTO ALEIXO

© PAULO ALMEIDA FERNANDES

PAULO VARELA GOMES

- 10 MURPHY: À PROCURA DE HISTÓRIA  
E DE TEORIA DA ARQUITECTURA  
MURPHY: IN SEARCH OF ARCHITECTURAL  
HISTORY AND THEORY

~

**ARTIGOS**  
**ARTICLES**

PAULO ALMEIDA FERNANDES

- 18 O CLAUSTRO DA SÉ DE LISBOA:  
UMA ARQUITECTURA  
«CHEIA DE IMPERFEIÇÕES»?  
THE CLOISTER OF LISBON CATHEDRAL:  
A WORK «FULL OF IMPERFECTIONS»?

WALTER ROSSA | LUÍSA TRINDADE

- 70 QUESTÕES E ANTECEDENTES DA  
“CIDADE PORTUGUESA”: O CONHECIMENTO  
SOBRE O URBANISMO MEDIEVAL  
E A SUA EXPRESSÃO MORFOLÓGICA  
PROBLEMS AND PRECEDENTS OF THE  
“PORTUGUESE CITY”:  
UNDERSTANDING MEDIEVAL URBANISM  
AND ITS MORPHOLOGY

JOSÉ ANTÓNIO BANDEIRINHA

- 110 ANOS SESSENTA, ALOJAMENTO  
E ARQUITECTURA. IMPASSES QUE SÃO SAÍDAS  
E SAÍDAS QUE SÃO IMPASSES  
ARCHITECTURE AND HOUSING IN THE SIXTIES:  
FRUITFUL DEAD ENDS AND FALSE EXITS

~

**NOTAS DE INVESTIGAÇÃO**  
**WORK IN PROGRESS**

LUÍS ÚRBANO

- 150 A ARQUITECTURA DOS  
CONVENTOS FEMININOS:  
CORRENTES DE INVESTIGAÇÃO  
RESEARCH INTO FEMALE MONASTIC  
ARCHITECTURE

ANDRÉ TEIXEIRA

- 164 A FORTALEZA MANUELINA DE CANANOR  
THE MANUELINE FORT OF KANNUR

JORGE FIGUEIRA

- 180 PREENCHER O VAZIO: PÓS-MODERNISMO  
E ARQUITECTURA PORTUGUESA, 1960-1980  
FILLING THE VOID: POST-MODERNISM  
AND PORTUGUESE ARCHITECTURE,  
1960s-1980s

~

**IMAGENS TEÓRICAS**  
**THEORETICAL IMAGES**

ELIANA SOUSA SANTOS

- 201 ATRAVESSAR PAISAGENS  
CROSSING LANDSCAPES

- 209 **RECENSÕES**  
**BOOK REVIEWS**

- 234 **NOTÍCIAS**  
**NEWS**

- 235 **INFORMAÇÕES PARA OS AUTORES**  
**NOTES TO CONTRIBUTORS**

↔ Walter Rossa

Departamento de Arquitectura, Universidade de Coimbra  
Department of Architecture, University of Coimbra

↔ Luísa Trindade

Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra  
Faculty of Arts, University of Coimbra

## QUESTÕES E ANTECEDENTES DA “CIDADE PORTUGUESA”: O CONHECIMENTO SOBRE O URBANISMO MEDIEVAL E A SUA EXPRESSÃO MORFOLÓGICA

### PROBLEMS AND PRECEDENTS OF THE “PORTUGUESE CITY”: UNDERSTANDING MEDIEVAL URBANISM AND ITS MORPHOLOGY

**E**ste texto nasce da necessidade que os seus autores sentiram de colocar em debate um ponto de situação em torno do conhecimento já consolidado sobre o *urbanismo medieval português*, bem como sobre algumas estratégias para o fazer progredir. O contexto directo é a realização em curso de trabalhos conducentes à apresentação de uma prova académica<sup>1</sup> e, concomitantemente, o desenvolvimento institucionalizado de um projecto de investigação de âmbito mais alargado, de cuja especificidade também aqui se vem dar conta<sup>2</sup>.

O título incorpora deliberadamente vícios e contradições que as linhas de trabalho dos autores têm vindo a questionar, mas também surge da necessidade de, no quadro ainda vigente, deixar claro ao que vimos. Num trabalho académico recente, um dos autores do presente texto pretendeu deixar a descoberto a caducidade e a inconsistência cultural e científica da designação *cidade portuguesa*, esboçando também as razões para a sua construção e a sua operatividade inicial<sup>3</sup>.

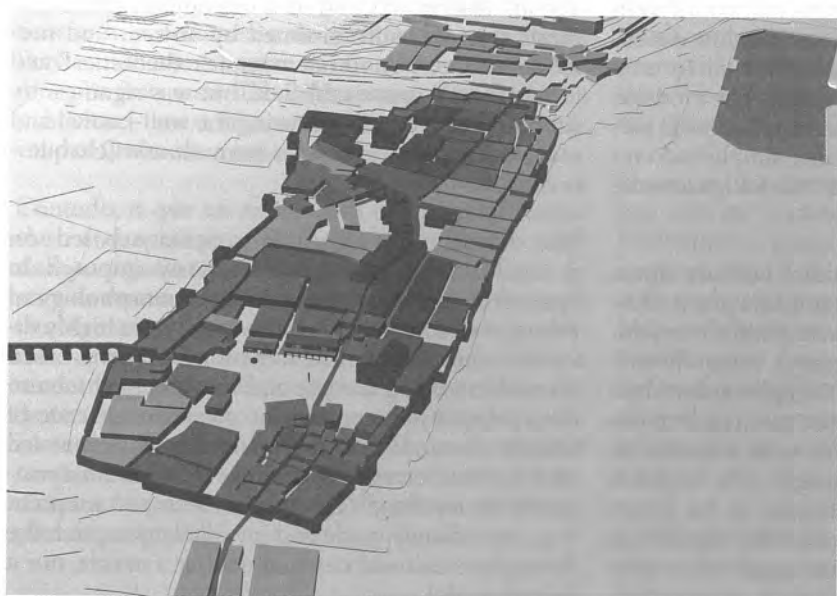
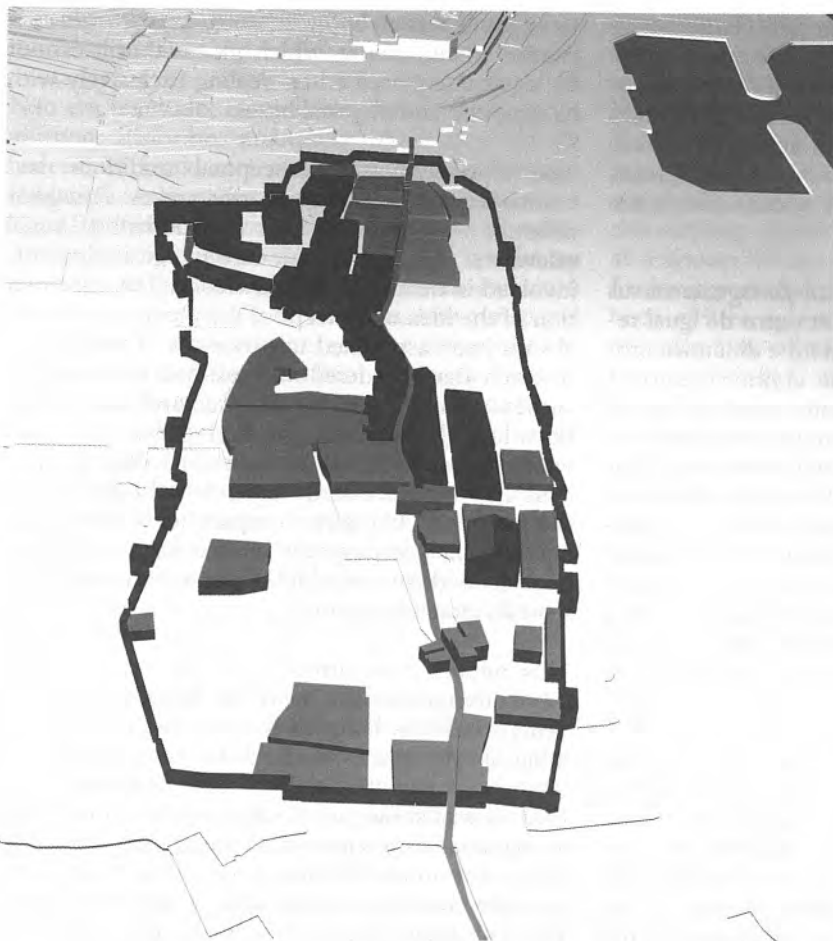
Visou também tornar claro que a maior evolução e cientificidade desse conhecimento na última década, se concentram num domínio disciplinar com tanto de específico quanto de emergente: a *história do urbanismo*.

**T**his text is the result of the need felt by the authors to stimulate debate on the state of consolidated knowledge of *Portuguese medieval urbanism*, and on some strategies that may help it to advance. The immediate context is ongoing work in preparation for the submission of a doctoral thesis<sup>1</sup>, and concomitantly the institutional development of a broader research project whose specifics will be dealt with below<sup>2</sup>.

The title deliberately includes conceptual traditions and contradictions that have been challenged by the authors' respective lines of research, but is also the product – within the still existing framework – of the need to clarify our purpose: in a recent academic work, one of the authors attempted to make it clear that the term *Portuguese city* is both obsolete and culturally and academically inconsistent, while briefly setting out the reasons behind its construction and initial usefulness<sup>3</sup>.

The same work also aimed to explain how the greatest evolution and the highest scientific quality in that knowledge during the last decade have been concentrated in a single field that is as specific as it is emerging: the *history of urbanism*.

There is still a need to fight so as to clarify and divide the diverse yet complementary fields of *urban history* and the *history of urbanism*. Moreover, the



*C. Guimarães, H. Pires, J. Alves, M. Moreira, P. Canotilho, S. Braccio, A cidade de Setúbal em meados dos séculos XIV e XVI. Modelo digital realizado sobre levantamento cadastral actual. Trabalho prático de História da Arquitectura Portuguesa, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2004-2005*

*C. Guimarães, H. Pires, J. Alves, M. Moreira, P. Canotilho, S. Braccio, The city of Setúbal in the middle of the XIV and XVI centuries. Digital model based on the current cadastral record. Assignment submitted to the History of Portuguese Architecture subject, Department of Architecture, Faculty of Science and Technology, University of Coimbra, 2004-2005*

Continua a ser necessário pugnar pela clarificação e separação de domínios diversos, ainda que complementares, como a *história urbana* e a *história do urbanismo*. Além disso, o termo *cidade* designa o todo do fenómeno urbano, por vezes até civilizacional, não sendo assim correcto dele nos apropriarmos quando no essencial dissertamos apenas sobre a sua estrutura e suporte físicos.

A tal vício e contradição – *cidade portuguesa* versus *urbanismo português* – acresce um outro de igual relevância, o qual consiste no âmbito e dinâmica cronológica do apuramento desse conhecimento. A construção da ideia ou conceito de *cidade portuguesa* estiveram sempre associados processos de ensaio e investigação que a consideram e justificam no âmbito e com origem nas transformações estruturais decorrentes da expansão iniciada com a conquista de Ceuta em 1415, o que (des)necessariamente ampliou os efeitos da compartimentação, frequentemente estanque, entre as grandes *idades* em que a construção histórica há muito se dividiu e às quais se continua a recorrer essencialmente por razões de ordem prática.

Esse efeito foi ainda artificialmente ampliado pela inevitável comparação com o universo hispânico no qual, como durante bastante tempo se acreditou, tudo obedecia a uma *nova ordem (moderna)* imposta pelas *Ordenanzas* inscritas nas «Leyes de Indias» de 1573. Posteriormente veio a constatar-se serem estas mais a consequência do que o consequente de um processo de reflexão e apuramento teórico iniciado na baixa Idade Média, entretanto ensaiado e desenvolvido no Novo Mundo. Produzira-se então uma nova síntese, moderna mas informada por modelos antigos e medievais<sup>4</sup>. Estabelecera-se um modelo teórico-formal algo complexo, bastante simplificado no terreno segundo a conhecida e morfologicamente expressiva designação *damero*.

A simplicidade formal e repetitiva baseada numa malha regular impiedosamente imposta aos territórios hispano-americanos contrasta com a morfologia das cidades coloniais portuguesas, muito diversificada, heterogénea e por vezes complexa, devedora da compreensão do sítio e do que levou os homens à criação da cidade. Inicialmente e na ausência de investigação dirigida, tal constatação deu origem a uma série de proposições equívocas, só há pouco tempo desmontadas<sup>5</sup>. Porém, uma coisa importante foi desde logo e necessariamente adquirida: a cida-

term *city* covers an entire urban and sometimes civilization phenomenon, which means that it cannot be legitimately used when dealing exclusively with its structure and physical bases.

The aforementioned conceptual traditions and contradictions – *Portuguese city* versus *Portuguese urbanism* – is compounded by another of equal relevance: the scope and chronological dynamic involved in defining that knowledge. The construction of the idea or concept of the *Portuguese city* has always been associated to processes of testing and research that pondered and justified it within the context of and based on the structural transformations brought about by the Portuguese expansion, which began with the conquest of Ceuta in 1415. This has (un)necessarily extended the impact of the frequently hermetic compartments established between the great *ages* into which history has long been divided, and to which we still return to for essentially practical reasons.

This impact was further artificially amplified by inevitable comparison with the Spanish world, in which – as was believed for many years – everything obeyed a *new (modern) order* imposed by the *Ordenanzas* included in the “Leyes de Indias” from 1573. It was subsequently demonstrated that these regulations were more the consequence than the cause of a process of reflection and theoretical refinement that had started in the Late Middle Ages and had been tested and developed in the New World. This would lead to a new and modern synthesis that was still informed by ancient and medieval models<sup>4</sup>. A rather complex theoretical and formal model was established, but was significantly simplified at ground level using the well-known and morphologically expressive term *damero* (chequerboard).

The formal and repetitive simplicity based on a regular mesh that was ruthlessly imposed in Spanish America contrasts with the morphology of Portuguese colonial cities. The latter were highly diverse, heterogeneous and sometimes complex, based on understanding the site and what had led men to create the city there. Initially, given the absence of specific research into the issue, this statement led to a series of erroneous theories that have only recently been refuted<sup>5</sup>. However, one important point was immediately made and invariably accepted: the Portuguese colonial city had neither a matrix, nor a formal model.

de colonial portuguesa não tinha uma matriz, um modelo formal.

Não era, contudo, e como originalmente quase se afirmou, disforme, anárquica ou desprovida de ordem, no fundo sem características morfológicas. Paulatinamente veio a descobrir-se que obedecia a alguns princípios culturais e procedimentos metodológicos nos quais a arquitectura, não apenas no que respeita aos edifícios, mas também enquanto sistema compositivo e de relações, tem um papel estrutural<sup>6</sup>. E nisso os antecedentes são medievos. Uma muito glosada e também equívoca frase de 1954 de Robert C. Smith poderia hoje ser considerada premonitória, caso não tivesse sido escrita com o tal sentido da falta de ordem: “The Portuguese established at Brazil, almost intact, the world they have created in Europe. Nothing had been created by the Portuguese in the planning of towns for new countries. Unlike the Spanish, whom were instructed by law in making a regular grid centred on a regular square”<sup>7</sup>.

Foi com esses estímulos que gradualmente se foram encontrando razões e matrizes da diferença entre os casos ibéricos, estabelecendo num aturado, mas ainda não sistemático, estudo morfológico, uma genealogia de alguns procedimentos formais e persistências morfológicas, que se estende da fundação da nacionalidade ao final do consulado pombalino. Ao invés dos espanhóis, sobre realidades e em tempos diversos, os portugueses desenvolveram e apuraram de forma contínua os seus procedimentos urbanísticos e de ordenamento do território mais comuns. Porém tudo isto é bem mais complexo e menos claro – por isso mais difícil de apurar, demonstrar e publicitar – que a falsa *modernidade* sintética e datável das *Ordenanzas* espanholas.

Contudo, o que no fundo aqui nos importa deixar claro é que, na sua matriz de conhecimento, a *cidade portuguesa* tem também como vício o facto de ser tida como um fenómeno da Idade Moderna. É também um espaço virtual no qual se têm feito desfilar outros conceitos evocativos de uma pretensa e moderna genialidade portuguesa. Mas a discussão deste último aspecto não cabe aqui. Importa, sim, invocar o princípio de que a evolução da teoria e *praxis* urbanísticas se pauta por processos de adição, síntese e/ou reforma, nunca por rupturas ou revoluções de vanguarda<sup>8</sup>.

However, it was not – as was originally almost stated – shapeless, anarchic or without any order, which basically suggested that it had no morphological characteristics. It gradually emerged that the Portuguese colonial city did in fact obey some cultural principles and methodological procedures in which architecture played a structuring role. Indeed, this not only applied to the buildings, but also acted as a system for the composition and relationships<sup>6</sup>. In this aspect, the roots were medieval. Had it not been written to express that sense of the absence of order, one often-quoted and erroneous expression by Robert C. Smith from 1954 could now be considered a warning: “The Portuguese established at Brazil, almost intact, the world they have created in Europe. Nothing had been created by the Portuguese in the planning of towns for new countries. Unlike the Spanish, whom were instructed by law in making a regular grid centred on a regular square”<sup>7</sup>.

It was through these stimuli that reasons for and models of the differences between the two Iberian cases gradually emerged, establishing a lengthy but not yet systematic morphological study, a genealogy of some formal procedures and morphological continuities that stretch from the creation of Portugal as a state to the end of the Marquis of Pombal’s time in government. In contrast to the Spanish, working with different situations and in different periods, the Portuguese continuously developed and refined their most common processes of urbanising and structuring the territory. Unfortunately, all this is much more complex and less clear – and therefore more difficult to define, demonstrate and publish – than the false synthesis of *modernity* that dates from the Spanish *Ordenanzas*.

However, the Portuguese city also suffers from being seen as a phenomenon of the Modern Age. Furthermore, it is a virtual space onto which other concepts have been imposed, suggesting a supposed and modern Portuguese genius. Discussion of this issue will have to take place elsewhere. The important point here is to invoke the principle that the evolution of theory and practice in urbanism is marked by processes of addition, synthesis and/or reform, and never by rupture or avant-garde revolution<sup>8</sup>.

Compartmentalising according to historical periods makes no sense when envisioning and studying the city, or logically its urbanism, even though

A compartimentação por idades históricas não faz sentido na leitura e estudo da cidade e, por maioria de razão, do seu urbanismo, ainda que possa ou tenha, como aqui, que ter tradução na formulação do discurso, quanto mais não seja por razões de ordem prática. A compreensão da cidade através da história só é possível através de perspectivas de longo termo, ainda que a análise necessite frequentemente de ser produzida através de cortes que, num paralelo com os métodos da arqueologia, poderemos caracterizar como estratigráficos.

Independentemente da inovação importada e da inventividade própria do período em que deflagra o processo da expansão portuguesa para fora da Europa, à partida não podemos descartar a hipótese da continuidade da vigência de práticas e conhecimento, designadamente no que diz respeito à *cultura do território*. Importa, por exemplo, questionar até que ponto a experiência dos longos processos portugueses de reordenamento do território e de reconformação da rede urbana síncronos com a consolidação da nacionalidade, não foi relevante nesse novo momento com solicitações que, em muitos casos, eram semelhantes.

Este raciocínio é importante para se vislumbrar o processo que deu origem e contextualiza este texto. Resumidamente podemos afirmar que o desenvolvimento consistente e qualificado da historiografia do urbanismo português anterior ao final do Antigo Regime, se deveu ao interesse global e celebrativo suscitado por aquilo a que poderemos chamar o 1º Império Português<sup>9</sup>.

Obviamente, o conhecimento específico do *urbanismo medieval português* não poderia resultar apenas do seu contributo para o conhecimento de desenvolvimentos posteriores. Além da construção de conhecimento em si, a evolução do interesse pela preservação da identidade cultural veiculada pelas áreas e tecidos urbanos mais antigos da actual rede urbana, acabou por catalisar a necessidade do seu aprofundado esclarecimento, não apenas monográfico, mas também segundo visões sistematizadoras e abrangentes. Como a conformação da matriz da rede urbana portuguesa ocorreu durante a Idade Média, o desenvolvimento da historiografia do urbanismo medieval tornou-se não só um requisito cultural, mas uma necessidade.

Apesar de tudo, os trabalhos que por essa forma foram surgindo encontram alguns antecedentes

it may potentially be used (as in this case) in formulating the discourse, at least for practical reasons. Understanding the city through history is only possible when using long-term perspectives, even if analysis often needs to be done through stratigraphic sections (to borrow archaeological methods).

Regardless of the innovation introduced and the inventiveness of the period that saw the Portuguese expansion outside Europe, the theory that there was continuity in practices and knowledge – specifically in terms of the *culture of the territory* – cannot be immediately discarded. For example, we must question the extent to which the lengthy Portuguese processes of restructuring the territory and reconfirming the urban network in conjunction with the consolidation of nationality was relevant during the expansion period, since it created similar demands.

This logic is important so as to understand the process that led to and contextualises this text. In brief, it can be stated that the consistent and high quality development of the historiography of Portuguese urbanism prior to the end of the *ancien régime* was the result of the general and commemorative interest stirred up by what might be called the First Portuguese Empire<sup>9</sup>.

Obviously, specific knowledge of *Portuguese medieval urbanism* could not simply be the result of its contribution to knowledge of subsequent developments. Besides constructing knowledge *per se*, the development of interest in preserving the cultural identity expressed by the earliest urban areas and fabrics found in the current urban network ultimately acted as a catalyst to develop the need for further clarification. This process did not merely involve monographs, but also required systematising and wide-ranging visions. Since the matrix of the Portuguese urban network was established during the Middle Ages, developing the historiography of medieval urbanism became more than just a cultural requirement: it was transformed into a necessity.

Despite all the difficulties, the resulting work did discover a few sparse precedents. However, we are still far from a minimally consistent and coherent *corpus*. For this to appear, what is known must be listed and questioned, sources, influences and precedents must be identified, and strategies and methods must be defined. As has already happened for later periods, parallels must also be established with other similar urbanistic or potentially influential cultures. For



esparços, mas estamos longe de poder falar da existência de um *corpus* minimamente consistente e coerente. Para tal urge elencar e questionar o que se sabe, identificar fontes, influências e antecedentes e definir estratégias e métodos. À imagem do que foi feito para períodos posteriores, é também necessário estabelecer paralelos com outras culturas urbanísticas próximas ou, por qualquer outra razão, potencialmente influentes. Por exemplo, sendo um dos poucos países europeus onde floresceu<sup>10</sup> e se manteve durante séculos uma hegemonia civilizacional islâmica, importa avaliar até que ponto isso deixou marcas específicas na *cultura do território* portuguesa e nos tecidos urbanos actuais.

O desenvolvimento sustentado do conhecimento sobre o *urbanismo medieval português* e, assim, da rede urbana portuguesa continua a necessitar de acções de investigação sistemáticas e concertadas, por forma a que se estabeleça o quadro necessário à consubstanciação de uma leitura global, na qual encontrem enquadramento e eco estudos dirigidos sobre aspectos mais detalhados.

Esclarecido e contextualizado aquilo ao que vimos, passemos agora ao seu desenvolvimento. Parece-nos essencial fazê-lo de forma sustentada, começando por expor os principais eixos, pilares e proveniências do conhecimento existente. Depois avançaremos com algumas notas sobre estratégias para o seu aprofundamento.

~\*~

#### NOTAS PARA O ESTADO DA ARTE

Na construção da historiografia do urbanismo português, o papel precursor pertence aos geógrafos, condição que manteriam quase sem concorrência até à década de 1970.

O primeiro grande impulso vem da *Escola de Coimbra* onde, em meados da década de 1920, têm início os estudos de geografia urbana, primeiro com Amorim Girão nos trabalhos que dedica a Viseu e a Coimbra<sup>11</sup>, mais tarde com Fernandes Martins em dois textos dedicados a Coimbra, um deles especificamente à cerca medieval<sup>12</sup>. Em 1973, a dissertação de doutoramento apresentada por Pereira de Oliveira sobre o Porto daria novo fôlego à investigação da geografia urbana naquela universidade<sup>13</sup>.

example, Portugal is one of the few European countries where the Islamic civilisation flourished and was hegemonic<sup>10</sup>, surviving for centuries. Clearly, the extent to which this left specific marks on the Portuguese *territorial culture* and the current urban fabric needs to be assessed.

The sustained development of knowledge of *Portuguese medieval urbanism*, and thus of the Portuguese urban network, continues to need systematic and concerted research. This will enable the establishment of the framework required to create a global vision for reflection and studies on more specific aspects.

Having clarified and contextualised the purpose of this study, we will now expand on the subject. We believe it is essential to do so in a sustained manner, starting by explaining the main guidelines, the foundations and the sources of existing knowledge. We will then propose some strategies that may be used to develop this.

~\*~

#### NOTES ON THE CURRENT STATE OF THE ART

The earliest steps in constructing the historiography of Portuguese urbanism were taken by geographers, a situation that was maintained almost without competition until the 1970s.

The first movement came from the *Coimbra School*, which started its studies of urban geography in the middle of the 1920s. These began with Amorim Girão's works on Viseu and Coimbra<sup>11</sup>, and were later followed by Fernandes Martins' two texts on Coimbra, one of which focused specifically on the medieval walls<sup>12</sup>. In 1973, the doctoral thesis submitted by Pereira de Oliveira on Oporto would revive research into urban geography at the university<sup>13</sup>.

However, it was in Lisbon – particularly as from the 1960s – that the study of the city in Portugal would become a major theme with a clearly defined line of research. The process was led by Orlando Ribeiro, and in methodological terms was clearly influenced by the importance attributed to civilisation as an explanatory element. Thus, "almost all Portuguese cities (understood in the broadest sense, including towns of an urban appearance) have distant

No entanto seria em Lisboa, com especial incidência a partir da década de 1960, que, sob orientação de Orlando Ribeiro, o estudo da cidade em Portugal viria a constituir-se como tema forte de toda uma linha de investigação. Metodologicamente surgia claramente marcado pela importância dada aos factores civilizacionais enquanto elementos explicativos: “Quase todas as cidades portuguesas (tomando neste sentido lato também as vilas de fisionomia urbana) ascendem a um passado remoto e conservam, na escolha do sítio, na estrutura ou no aspecto, qualquer marca das várias civilizações que presenciaram a sua longa vida”<sup>14</sup>. Do interesse que as cidades sempre lhe mereceram<sup>15</sup> destaca-se, no que aqui diz directamente respeito, os estudos sobre Viseu ou aqueles que dedicou a Évora, Lisboa ou Olivença<sup>16</sup>.

Fundamental para o desenvolvimento da disciplina foi a forma como Orlando Ribeiro soube atrair alunos e discípulos para o estudo do tema: da sua *escola* saem quase três dezenas de estudos sobre cidades portuguesas continentais e ultramarinas. É exactamente entre eles<sup>17</sup> que a reflexão sobre uma *urbanística medieval portuguesa* encontra o seu momento inaugural. Referimo-nos ao texto de Jorge Gaspar publicado em 1969 na então recém-fundada *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*<sup>18</sup>.

Com base no conhecimento disponível sobre cidades de fundação em territórios actualmente franceses, alemães e espanhóis, o autor atestava, quase só por observação morfológica directa, a existência de iniciativas similares em Portugal, identificando as principais cronologias e promotores, caracterizando o tipo de conjuntura determinante e alinhando um primeiro conjunto de casos. Situados no Alentejo oriental e conformando um importante troço da rede urbana fronteiriça, Monsaraz, Vila Viçosa, Assumar ou Campo Maior eram, entre outros núcleos urbanos, a expressão material da política de ordenamento do território com que o poder régio pretendia, a par de intensas negociações diplomáticas, fixar os limites do reino, denunciando o padrão geométrico, a “intencionalidade e modernidade” da fundação.

A partir da sua leitura morfológica, Gaspar ensaiava uma tipologia de cidade assinalando os principais elementos do plano e a forma como se articulavam entre si. Concluía deixando a pista para a existência de fundações congéneres noutros pontos do país tais como o Baixo Alentejo, Riba Côa ou Trás-

pasts and still retain – in choice of site, structure or appearance – some sign of the various civilisations that have witnessed their long lives”<sup>14</sup>. Ribeiro was always interested in cities<sup>15</sup>, and his studies of most direct importance here focused on Viseu, Évora, Lisbon and Olivença<sup>16</sup>.

The way in which Orlando Ribeiro managed to attract students and disciples to study this theme was fundamental for its development. The *school* that he set up produced almost thirty studies on mainland and overseas Portuguese cities<sup>17</sup>, including the initial reflection on *Portuguese medieval urbanistics*: Jorge Gaspar’s text from 1969, which was published in the then recently-founded *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia* (Portuguese Geographical Journal)<sup>18</sup>.

Based on information about founding cities in territory that is now French, German or Spanish, the author confirmed – almost exclusively from direct morphological observation – that there were similar activities in Portugal. He also identified the main chronologies and actors in this process, characterised the type of decisive conjuncture and established an initial group of cases located in the Eastern Alentejo region. Thus, amongst other urban centres, Monsaraz, Vila Viçosa, Assumar and Campo Maior were identified as forming an important section of the urban network in the frontier region. Moreover, alongside intense diplomatic negotiations, they were the material form of the crown’s policy to organise the territory so as to establish Portugal’s borders, and demonstrated the geometrical pattern used and the “purposefulness and modernity” of the foundation.

Taking a morphological reading as his point of departure, Gaspar proposed a typology of the city by highlighting the main elements of the plan and the way in which they were articulated. He concluded by suggesting that similar founding cities could be found in other parts of the country, such as Baixo Alentejo, Riba Côa and Trás-os-Montes, and for established cities that would expand in the late medieval period, such as Évora and Lisbon.

In the absence of any precedents other than Alberto Sampaio’s very brief reference (1929) to the foundation of “póvoas”<sup>19</sup>, Jorge Gaspar’s approach remained an isolated phenomenon until the middle of the 1980s. Only then did interest in *Portuguese urbanism and medieval urbanistics* emerge, along-

os-Montes ou para povoações já consolidadas em cujos *ensanches* tardo-medievais se seguiria a mesma regra, como em Évora e Lisboa.

Sem antecedentes, à excepção da brevíssima referência feita em 1929 por Alberto Sampaio ao fenómeno de fundação de *póvoas*<sup>19</sup>, a abordagem de Jorge Gaspar permaneceria isolada até meados da década de 1980, só então parecendo despertar o interesse pelo *urbanismo e a urbanística medieval portuguesas*, movimento, aliás, paralelo ao que se verificaria com a história do urbanismo português em geral.

A natureza do tema, tão perceptível numa leitura morfológica quanto invisível na documentação escrita coeva, onde praticamente não teve expressão<sup>20</sup>, justifica em grande parte que a questão tenha suscitado inicialmente a atenção de geógrafos e arquitectos, por formação mais vocacionados para a leitura de morfologias urbanas e a construção mental de esquemas e imagens espaciais.

Efectivamente, os principais desenvolvimentos subsequentes ao texto de Jorge Gaspar – de cuja leitura invariavelmente partiram – surgem na área disciplinar da arquitectura, concretamente no âmbito do estudo da cidade da Época Moderna e da procura dos seus antecedentes. Na maioria dos casos, as suas abordagens incidem sobre o tempo longo, procurando na evolução diacrónica explicações para a cidade contemporânea.

Seria esse o caso de Bernardo José Ferrão quando, em 1985, apontava de forma discreta mas incisiva a necessidade de fazer entroncar as realizações urbanísticas setecentistas numa tradição de regularidade detectável desde a Idade Média, “atestada na fundação de inúmeras cidades geometricamente ordenadas sobretudo destinadas à defesa fronteiriça e ao povoamento (...)”. Sectores novos de cidades espontâneas e o papel disciplinador urbanístico assumido pelas Ruas Novas ou Direitas constituíam igualmente prova dessa mesma tradição<sup>21</sup>.

Também José Manuel Fernandes, pessoalmente influenciado pelas linhas de investigação de Orlando Ribeiro e Jorge Gaspar – que cita amiúde – identificava linhas de continuidade entre a cidade medieval portuguesa e os estabelecimentos urbanos insulares das primeiras décadas da expansão. O processo de urbanização das ilhas atlânticas surgia efectivamente marcado por “um forte tradicionalismo de

side the same and more generalised interest in Portuguese urbanism.

The nature of the theme was as evident from a morphological reading as it was invisible in contemporary written sources, where it was barely mentioned<sup>20</sup>. To a large extent, this explained why the issue had initially caught the attention of geographers and architects, whose training was more appropriate for interpreting urban morphologies and the mental construction of spatial schemes and images.

The main developments that emerged after Jorge Gaspar's text – and which invariably took his work as their point of departure – appeared in the disciplinary field of architecture, more specifically within the study of the city during the modern period and the search for its precedents. In most cases, these studies adopted a long-term approach, using chronological evolution to explain the contemporary city.

One such study was by Bernardo José Ferrão. In 1985, he discreetly but firmly pointed to the need to frame eighteenth-century urbanistic work within a tradition of regularity that could be detected since the Middle Ages. As he said, this regularity was “demonstrated in the foundation of countless cities that were geometrically organised, especially those designed for frontier defence and settlement...”. He also identified new areas of spontaneously formed cities and the structuring urbanistic role adopted by “Ruas Novas” (new streets) or “Ruas Direitas” (straight streets) as probable proof of the same tradition<sup>21</sup>.

In turn, José Manuel Fernandes – influenced by the research guidelines laid down by Orlando Ribeiro and Jorge Gaspar, whom he often quotes – identified signs of continuity between the Portuguese medieval city and the urban establishments on the Atlantic islands (Madeira and the Azores) in the early years of the expansion. The process of urbanising the islands was indeed affected by “a strong sense of tradition in their design”, the result of importing medieval mainland models that were restructured within the island context. This traditional approach could be seen in a series of morphological characteristics that were related to regularity, which the author interestingly defined as medieval Renaissance, thereby emphasising a seamless evolution<sup>22</sup>. Fernandes' proposals were less the result of in-depth knowledge of

concepção” resultante da importação de modelos medievais e metropolitanos então reelaborados em contexto insular. Tradicionalismo visível num conjunto de características morfológicas relacionadas com a regularidade que o autor – sublinhando uma evolução sem rupturas – designava sugestivamente por *medievo-renascentista*<sup>22</sup>. Mais do que um conhecimento profundo da realidade medieval, as propostas de José Manuel Fernandes, valorizando a sobrevivência de procedimentos, o papel estruturante da Rua Direita ou a percepção de uma concepção livre de “constrangimentos da norma rígida”, revelam uma vincada perspicácia e intuição sobre a importância dos antecedentes.

Pelos mesmos anos, o tema suscitava a atenção de Paulo Ormindo de Azevedo<sup>23</sup>, arquitecto brasileiro a quem a *descoberta* de Portugal, na sequência de estudos de pós-graduação realizados em Itália – onde a temática era desde os anos 70 objecto de estudos aprofundados<sup>24</sup> –, tornaria particularmente sensível ao peso da realidade urbanística imediatamente anterior ao estabelecimento urbano dos portugueses no Brasil.

O autor abordava o problema através da caracterização dos contextos políticos subjacentes ao acto de fundação, provando que a não aplicação generalizada de traçados geométricos não se devia à falta de conhecimento ou experiência prévia, mas apenas à ausência de uma decisão sustentada num forte poder político. Quando o contrário se verificava, no Brasil, nas ilhas atlânticas ou nos territórios orientais, o resultado denunciava o domínio que os portugueses detinham desde a Idade Média em questões de planeamento urbanístico. Planeamento a que atribuía um forte carácter pragmático, perceptível, por exemplo, na adaptação às condições locais, na flexibilidade da trama urbana ou na informalidade dos loteamentos e que considerava sustentado por princípios reguladores mais do que modelos preestabelecidos.

A divulgação do texto de Paulo Ormindo de Azevedo seria, porém, muito limitada. Publicado em Sevilha numa colectânea de estudos sobre o urbanismo ibero-americano dos séculos XVI a XVIII, acabaria por passar, de imediato, totalmente despercebido no meio científico da historiografia medieval portuguesa. A situação só viria a alterar-se em 1998, ano da sua reedição em Portugal numa obra de grande divulgação no meio da especialidade<sup>25</sup>. Sintomaticamente, o autor acrescentava então ao

medieval reality and more a question of pinpointing the survival of procedures, the structuring role of the *Rua Direita* and the perception of a design that was free of the “constraints of rigid norms”, revealing great understanding and intuition regarding the importance of precedents.

At around the same time, this theme attracted the attention of Paulo Ormindo de Azevedo<sup>23</sup>, a Brazilian architect. Following postgraduate studies in Italy – where the theme had been examined in depth since the 1970s<sup>24</sup> – his *discovery* of Portugal was particularly relevant in terms of the urbanistic situation immediately before the urban establishment of the Portuguese in Brazil.

Ormindo de Azevedo approached the problem by characterising the political contexts underlying the act of founding the city, demonstrating that the generalised non-use of geometrical plans was not the result of any lack of knowledge or prior experience, but merely the absence of any decision supported by a defined political power structure. When the opposite was true – as in Brazil, the Atlantic islands or the Orient – the result demonstrated the knowledge of urban planning that had existed in Portugal since the Middle Ages. This had a powerfully pragmatic nature that can, for example, be seen in its adaptations to local conditions, the flexibility of the urban mesh and the informal structure of the plots of land, all supported by regulating principles rather than by pre-established models.

However, Paulo Ormindo de Azevedo’s text would not initially be widely read. Published in Seville as part of a collection of studies on Ibero-American urbanism from the sixteenth to the eighteenth century, it would not even be noticed in the academic circles of Portuguese medieval historiography. This situation would only change in 1998, when it was republished in Portugal as part of a major work in this specialist field<sup>25</sup>. Symptomatically, the author added the word “origins” to the original title of *Urbanismo de traçado regular nos dois primeiros séculos da colonização brasileira* (“Regular pattern urbanism in the first two hundred years of the colonisation of Brazil”), thereby underlining the truly important aspects found both inside and outside the text, aspects that in the meantime had been fully grounded and developed by other researchers with parallel interests.

título original *Urbanismo de traçado regular nos dois primeiros séculos da colonização brasileira* a palavra *origens*, sublinhando dessa forma o que de verdadeiramente relevante era proposto no texto e fora, entretanto, fundamentado e desenvolvido por outros investigadores com preocupações paralelas.

Não é, de resto, por acaso que a segunda edição do texto venha a ocorrer no âmbito do programa editorial do projecto *Universo Urbanístico Português 1415-1822*. Como os responsáveis do projecto assumiam no prefácio da *Colectânea de Estudos*, o objectivo central da obra era o da reedição de estudos que, ou porque inéditos ou porque inovadores temática e metodologicamente, justificavam ampla divulgação, pondo, de uma vez por todas, fim ao isolamento científico de “textos que pouco se partilham, menos se discutem e quase nunca se confrontam”. O que finalmente permitiria, a par da divulgação das propostas de Paulo Ormindó de Azevedo, apresentar – em confronto – umas tantas linhas de investigação que, num percurso independente mas paralelo, vinham sendo, até hoje, objecto de apuramento sistemático.

É essa contribuição que agora importa referir: constituindo parte substancial do percurso de um de nós, é sobre ela que se alicerça a investigação na qual estamos actualmente empenhados.

Um dos autores do presente texto, Walter Rossa, desenvolveria entre os anos de 1995 e 2001<sup>26</sup> um conjunto de propostas para o avanço do *corpus* de conhecimento sobre o *urbanismo medieval português*. Com uma linha de investigação direccionada para a compreensão dos contextos de fundação e inicialmente centrada sobre a cidade setecentista, as pesquisas do autor em torno da questão dos antecedentes determinariam um recuo no tempo, perseguindo criticamente o que, na linha de Fernando Chueca Goitia, viria a designar por “invariantes”<sup>27</sup>. Tratava-se afinal de identificar métodos e processos de estruturação urbana constantes no tempo longo e detectáveis nos mais diversos espaços do império, da Índia ao Brasil, do Magreb às ilhas atlânticas. Processos resultantes da conjugação de elementos vários como a estruturação cadastral modulada, a hierarquização rua/travessa ou as regras de proporcionalidade e coordenação dimensional com que se articulavam o traçado, o espaço público e a arquitectura, elementos invariantes que, em síntese, davam corpo a uma matriz metodológica e cultural constante.

It is no coincidence that the second edition of the text fell within the scope of the programme to publish a project called *Universo Urbanístico Português, 1415-1822* (The Portuguese Urbanistic World 1415-1822). As those responsible for the project stated in the preface to the *Colectânea de Estudos* (Collection of Studies), the main aim was to publish previously unpublished studies or those that had innovative themes or methodologies, justifying this broader dissemination and bringing a definitive end to the academic isolation of “texts that are little shared, less debated and hardly ever challenged”. Besides bringing Paulo Ormindó de Azevedo’s proposals to the attention of a wider audience, this finally allowed several independent yet parallel lines of research that have since been systematically refined to be both presented and contrasted.

This contribution deserves mention since it forms a substantial part of the career of one of the authors and forms the foundations for ongoing research.

Between 1995 and 2001<sup>26</sup>, Walter Rossa had drawn up a series of proposals that would help advances to be made in the known body of work on *Portuguese medieval urbanism*. His research, directed towards understanding the contexts of the foundation, initially focused on the eighteenth-century city. Yet his work on the city’s precedents led him to delve back in time in a critical search for – following the guidelines of Fernando Chueca Goitia – what he would call “invariables”<sup>27</sup>. Ultimately, this meant identifying methods and processes of urban structuring that remained constant in the long term and could be detected in the furthest-flung locations of the former Portuguese empire, embracing India, Brazil, the Maghreb and the Atlantic islands, etc. These processes were the result of the combination of several elements such as modular cadastral structuring, the establishment of a hierarchy of street/alley<sup>28</sup> and the rules of proportionality and dimensional coordination. These were articulated with design, public space and architecture, non-variable elements, and together expressed a constant methodological and cultural model.

Walter Rossa drew up a long evolutionary line, with particular reference to the modern period and specifically focusing on the so-called *Portuguese School of Urbanism*. However, the fundamental point of interest here is to highlight the interpretation of the period between the two peaks in the *history of Portuguese urbanism*: on the one hand, the defini-

Da extensa linha evolutiva traçada por Walter Rossa, com particular incidência na Época Moderna e concretamente na chamada *Escola Portuguesa de Urbanismo*, interessa-nos aqui fundamentalmente realçar a leitura do período que medeia entre dois grandes momentos da *história do urbanismo português*: o da definição do espaço e do estado, coincidente com os reinados de D. Afonso III (1248-1279)/D. Dinis (1279-1325), e o da redefinição do espaço e reformulação do estado de acordo com conceitos modernos no período que, de forma lata, normalmente se designa por manuelino. Salientem-se, para a compreensão deste ciclo, os conceitos operativos que Walter Rossa desenvolve, concretamente aqueles que designa por *urbanismo regulado e nova centralidade* de cuja evolução resultaria, nas primeiras décadas de Quinhentos, o tempo forte da sistematização.

As propostas avançadas de forma ainda algo embrionária numa leitura geral de 1995, são definitivamente sistematizadas em 2001 num artigo elaborado com alguns alunos do seminário de licenciatura do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, que significativamente se intitula “Recenseando as invariantes: alinhamento de alguns casos de morfologia urbana portuguesa de padrão geométrico”<sup>28</sup>, onde Walter Rossa colige e sintetiza as conclusões de vários estudos entretanto realizados, como a sua própria dissertação de doutoramento<sup>29</sup>. O conhecimento apurado a partir da análise comparativa de casos entre os quais, para a cronologia em destaque, se encontram Angra, a Rua Nova do Porto, Valença ou Coimbra, elaborado com recurso ao desenho sobre levantamentos actuais vectorizados sobre suporte digital, permite confirmar a existência de “uma maneira de fazer cidade, um conjunto de normas e procedimentos mais do que um modelo”. Em síntese, o que caracterizaria a *cidade portuguesa*<sup>30</sup>.

O entendimento das práticas urbanísticas medievais teria entretanto importantes desenvolvimentos na investigação de Helder Carita dedicada a Lisboa e apresentada em 1998<sup>31</sup>. Embora posicionada no início da Época Moderna, o enfoque dirigido ao desenvolvimento urbanístico da capital do reino no decorrer da baixa Idade Média permitiria ao autor corroborar a existência de um modelo urbanístico de rua/travessa que detectou com forma ainda algo embrionária no bairro da Pedreira, da primeira metade do século XIV, ou já em pleno na estrutura quatrocentista de Vila Nova das Portas de Santa Catarina.

tion of the space and the state, which occurred in the reigns of Afonso III (1248-1279) and Dinis (1279-1325), and on the other, the redefinition of the space and restructuring of the state along modern lines in the period that is broadly defined as Manueline. In order to understand this cycle, Walter Rossa developed concepts that he calls *regulated urbanism* and *new centrality*, whose evolution would result in the period of greatest systematisation: the early sixteenth century.

The proposals made in rather embryonic and general form in 1995 were definitively systematised in an article dated 2001, written with a group of students from an undergraduate seminar at the Department of Architecture of the Faculty of Science and Technology (Coimbra University). In this article, significantly called *Recenseando as invariantes: alinhamento de alguns casos de morfologia urbana portuguesa de padrão geométrico* (“Surveying the invariables: aligning some cases of geometrical patterns in Portuguese urban morphology”)<sup>29</sup>, Walter Rossa compiled and summarised the conclusions reached in previous studies, as well as those from his own doctoral thesis<sup>30</sup>. The information produced by the comparative analysis of cases that included (from the period in question) Angra, Rua Nova in Oporto, Valença and Coimbra – developed by drawings made over current vectorial digital surveys – confirmed the existence of “a way of making cities, a set of norms and procedures rather than a model”. In brief, it established everything that would define the *Portuguese city*<sup>31</sup>.

Understanding medieval urbanistic practices would undergo significant developments thanks to Helder Carita’s research on Lisbon, published in 1998<sup>32</sup>. Although this dealt with the start of the modern period, the focus on the capital’s urbanistic development during the late Middle Ages allowed Carita to confirm the existence of an urbanistic model that consisted of street/alley, as found in embryonic form in the Pedreira neighbourhood during the first half of the fourteenth century and in completed form in the fifteenth century structure of Vila Nova das Portas de Santa Catarina.

Rather than recognition of a hierarchical model – which cannot be disassociated from practices that had been systematically implemented since the second half of the thirteenth century in founding cities – the case of Lisbon was particularly relevant, as it demonstrated the type of procedures that underlay

Mais do que pelo reconhecimento de uma matriz hierarquizada – que não pode afinal desligar-se da que vinha sendo sistematicamente posta em prática, desde a segunda metade de Duzentos, em cidades de fundação –, o caso de Lisboa adquire especial relevo pela forma como permite conhecer o tipo de procedimentos subjacentes a acções de povoamento, *ensanche* e/ou urbanização, extrapolando para situações menos bem documentadas. É o que, intuído em muitos casos e comprovável em número muito reduzido, se verifica com a figura do vedor de obras, com a prática consolidada de cordeamentos, com o carácter institucionalizado e sedimentado de práticas de ordenamento do espaço, com a existência de uma normativa de uso comum, com a instituição de malhas ortogonais em terrenos virgens ou, finalmente, com a imposição de foros diferentes de acordo com a hierarquização do espaço<sup>32</sup>.

Aliciado por hipóteses de leituras de modernidade na acção urbanística de D. Manuel I (1495-1521), o texto de Helder Carita não deixa, ainda assim, de tornar evidente a ideia de uma forte linha de continuidade entre a Idade Média e a Época Moderna no que toca a práticas de ordenamento do espaço. Nesta síntese sobre o contributo dos arquitectos importa referir, por último e com inquietações semelhantes, o projecto de investigação sobre morfologias urbanas de cidades de origem portuguesa coordenado por Manuel Teixeira entre 1993 e 1996, mas com desenvolvimentos posteriores sobre outros intervalos cronológicos. Como resultado desse projecto viria a lume um volume sobre o urbanismo português entre os séculos XIII-XVIII, onde se dava conta das principais realizações urbanísticas operadas em Portugal e no Brasil<sup>33</sup>.

Com um primeiro capítulo integralmente dedicado ao período medieval e uma análise particularizada na fundação de Viana da Foz do Lima e Nisa, a obra, para além de colocar a tónica em questões de análise morfológica como a hierarquização viária, a regularidade dos quarteirões ou a medida de frente do lote como unidade base do plano das cidades, cumpriria um papel de relevo pela divulgação de um importante conjunto de cartografia histórica. Tratava-se essencialmente de material do século XVIII, por norma pouco conhecido e de difícil acesso, mas essencial – desde que sujeito a uma crítica rigorosa – ao entendimento das matrizes medievais.

the processes of population, expansion and/or urbanisation, and which can be extrapolated to less thoroughly documented situations. This confirmed what was believed (based on intuition in many cases and only confirmed by a very small number) about the figure of the *Vedor de obras* (building supervisor), the established practice of measuring with cord and the institutionalised and firmly rooted practices in structuring the space, the existence of a norm for common use, the imposition of grids on previously unused land and, finally, the implementation of different renting principles in accordance with the hierarchy of the space<sup>33</sup>.

Based on potential interpretations of modernity in the urbanistic activity of King Manuel I (1495-1521), Helder Carita's text clearly demonstrates the idea of a strong continuity between the Middle Ages and the modern period regarding *praxis* in structuring the space.

Finally, within this synthesis of the contribution made by architects, mention should be made to the research project coordinated by Manuel Teixeira between 1993 and 1996 on the urban morphologies of Portuguese cities. This project, which would have subsequent developments within other time-spans, also led to a volume on Portuguese urbanism between the thirteenth and eighteenth century, recording the main urbanistic activities carried out in both Portugal and Brazil<sup>34</sup>.

The first chapter focused exclusively on the medieval period, including a detailed analysis of the founding of Viana da Foz do Lima and Nisa. Besides pinpointing questions of morphological analysis, such as the hierarchy of the roads, the regularity of the blocks and the front measurement of the plot as a base unit for the city plan, the book also played a significant role in disseminating an important group of historical maps. This mainly comprised material from the eighteenth century that was generally little known and difficult to access. Nonetheless, in terms of understanding the medieval models and provided that close and rigorous attention was paid, these maps were essential reading.

In sum, this may be considered the core group of those who came from fields other than history (namely urban history/archaeology/history of art) but made a significant contribution to constructing a *corpus* of knowledge of urbanism and Portuguese medieval urbanistics.

É este, numa síntese, o que podemos considerar como o núcleo duro dos que, provenientes de outras áreas disciplinares que não da história (história urbana/arqueologia/história da arte), mais significativamente contribuíram para a construção de um *corpus* de conhecimento do urbanismo e da urbanística medievais portugueses.

~+~

Paralelamente, e sem que a interacção seja necessariamente uma realidade, também a historiografia não da arquitectura ou do urbanismo tem registado avanços relevantes para o desenvolvimento da temática. Contributos consideráveis na profundidade e extensão se a perspectiva for a da história urbana, relativamente circunscritos se o enfoque for claramente dirigido para o urbanismo e a urbanística.

Nessa linha, a atenção vai para o conjunto de abordagens onde o mote é, conforme se verificou em parágrafos anteriores, a morfologia urbana de padrão geométrico. São análises que andam essencialmente em torno da constatação da regularidade e de processos que claramente se situam no domínio da racionalidade, em detrimento de discursos sobre os aspectos espontâneos da cidade.

Quando se elege como objecto de estudo a forma e o significado da matéria – a malha, o programa, o método, a intenção subjacente –, é natural que a abordagem incida sobre casos de fundação ou processos de reforma urbanística previamente planeados, deixando à margem a cidade aleatória, onde não existe “nenhum rigor, nenhum método, sempre esse significativo abandono que exprime a palavra desleixo”<sup>34</sup>. Neste contexto disciplinar, regularidade significa essencialmente intenção deliberada de ordem e planeamento e, nesse sentido, induz o apuramento de métodos e práticas, a descodificação de objectivos e modelos teóricos. Daí o quase imperativo disciplinar de fazer incidir a investigação sobre as intervenções dirigidas, identificadas com os poderes instituídos.

Um passo importante seria dado por Carlos Alberto Ferreira de Almeida<sup>35</sup> quando em 1987 caracterizava – ainda que em traços largos, em consonância com a natureza da obra onde surgiu – a formação de uma rede urbana ao longo do rio Minho, contemporânea e similar à que Jorge Gaspar identificara duas décadas antes para a raia alentejana. Como

~+~

Historiography other than that produced in architecture or urbanism has made relevant advances, in spite of its occasional lack of interaction with our disciplinary field. The advances made from the perspective of urban history have brought major contributions in both depth and breadth, although they have been relatively restricted if the focus is on urbanism and urbanistic issues.

Within this line of research, most attention has been paid to the set of approaches where the guideline (as shown above) is geometrical pattern morphology. These analyses essentially revolve around confirming the regularity of the forms and processes that are clearly within the field of rationality, rather than examining the spontaneous aspects of the city.

When the form and meaning of the material – the mesh, programme, method and underlying objective – are chosen as the subject for study, the approach naturally focuses on previously planned processes that aim to found or reform the city, ignoring the spontaneous city as it has “no rigor or method, always with the meaning of abandon that expresses the concept of laxness”<sup>35</sup>. Within the context of this academic field, regularity fundamentally means a deliberate purpose in terms of order and planning. In that sense, it defines methods and practices, and decodes goals and theoretical models, explaining the almost imperative need to focus research in this field on controlled actions that are identified with the established powers.

In 1987, Carlos Alberto Ferreira de Almeida<sup>36</sup> took an important step forward when he defined – albeit in broad terms that were the result of the nature of the book where his ideas appeared – the structure of an urban network along the course of the River Minho. This was both a contemporary of and similar to the one identified by Jorge Gaspar twenty years before for the Alentejo border region. Like the latter case, the foundation or restructuring of centres such as Viana, Caminha, Valença, Monção and Melgaço confirmed that conscious organisation of the territory along the northernmost border of Portugal had been standard practice in the Late Middle Ages. In this case, the morphological analysis that was relevant in terms of characterising the political conjuncture went no further than noting the regular structure and making a brief assessment of the place-names.



neste último caso, a fundação ou reestruturação de núcleos como Viana, Caminha, Valença, Monção e Melgaço confirmava como também na fronteira norte do reino o ordenamento consciente do território tinha sido prática comum na baixa Idade Média. Relevante pela caracterização da conjuntura política, a análise morfológica não é aqui valorizada para além da simples constatação da regularidade ou de uma breve apreciação toponímica.

Em 1990, Nuno Pizarro Dias alargava a investigação a toda a faixa fronteira nortenha, acrescentando ao elenco anterior as vilas de Chaves, Bragança, Montalegre e Monforte do Rio Livre. Embora a tónica fosse colocada na análise comparativa das cercas defensivas, ênfase que a apresentação num simpósio sobre fortificações medievais amplamente justificava<sup>36</sup>, o texto foi ilustrado por um conjunto de plantas que, embora muito esquemáticas, permitiam aferir da estruturação geométrica dos traçados.

Sob orientação de Ferreira de Almeida, o tema das cidades de fundação no norte do país encontraria, em 1993, a necessária continuidade e aprofundamento na dissertação de mestrado em arqueologia de Paulo Dordio Gomes<sup>37</sup>. Tendo como área de análise as regiões de Trás-os-Montes e Alto Douro, a investigação veio comprovar a implantação de um modelo de reordenamento territorial assente em formas de povoamento concentrado: vilas cercadas, reestruturadas ou fundadas de raiz, a que o poder régio atribuía o papel de cabeça de território. Quando a ocupação se fazia *ex novo*, do processo de povoamento resultavam, como por regra sucede, matrizes ortogonais ainda hoje claramente perceptíveis nos núcleos de Bragança, Chaves e Miranda, ou nas vilas do Alto Douro de Vila Nova de Foz Côa, Torre de Moncorvo e Cedovim, que o autor analisa clarificando minuciosamente os contornos políticos da acção régia, bem como as diferentes circunstâncias e resultados que caracterizaram o processo de povoamento em cada uma das regiões.

O tema da cidade de fundação ganhava, entretanto, lugar cativo em obras historiográficas de carácter geral e vasto âmbito cronológico. Na *Nova História de Portugal*<sup>38</sup>, A. H. de Oliveira Marques, num capítulo dedicado à cidade portuguesa tardo-medieval em que analisava os elementos estruturantes numa estreita articulação com a sua componente histórica (romana, muçulmana, etc.), dedicava algumas linhas às cidades novas de conformação ortogonal, onde

In 1990, Nuno Pizarro Dias expanded the research being done to cover the entire northern border area, adding the towns of Chaves, Bragança, Montalegre and Monforte do Rio Livre. Although he focused on a comparative analysis of the defensive walls (fully justified since his paper was for a meeting on medieval fortifications)<sup>37</sup>, the text was illustrated by a set of ground-plans that – albeit very sketchy – did offer a vision of the geometrical structuring of the designs.

In 1993, under the supervision of Ferreira de Almeida, the theme of founding cities in Northern Portugal was given the required continuation and in-depth study by Paulo Dordio Gomes' MA thesis in archaeology<sup>38</sup>. His area of analysis covered the regions of Trás-os-Montes and Alto Douro, revealing the implementation of a model for territorial restructuring whose basis lay in forms of concentrated population: walled towns that were restructured or founded and which the royal authorities established as the centres of their territories. When the occupation was done *ex novo* from the process of population, this led (as is normal) to grid models that can still be clearly seen in the centres of Bragança, Chaves and Miranda, and in the Alto Douro towns of Vila Nova de Foz Côa, Torre de Moncorvo and Cedovim. Dordio Gomes analysed these, providing a highly detailed clarification of the political aspects of the royal measures and the different circumstances and results that characterised the process of populating each region.

Meanwhile, the theme of the founding city had gained a permanent place in general works of historiography that covered a wide time-scale. One chapter of *Nova História de Portugal*<sup>39</sup> (New History of Portugal) – published in 1986 by A. H. de Oliveira Marques – was devoted to the late medieval Portuguese city. It analysed the structuring elements in close articulation with the historical component (Roman, Moorish, etc.), and dedicated some lines to the new cities with the grid structure where roads crossed at right-angles, identifying the finest examples as being port towns such as Setúbal, Lagos, Aveiro, Caminha and Viana do Lima. Among the many other examples in the inland areas, he highlighted Tomar, whose “clear and regular urban texture” was an excellent sign of a prior programme for urbanisation.

Ten years later, another volume of the same work saw Saúl António Gomes<sup>40</sup> focus on the theme,

as ruas se cruzam em ângulo recto. Referia que os melhores exemplos seriam póvoas marítimas como Setúbal, Lagos, Aveiro, Caminha e Viana do Lima. Entre as muitas outras existentes no interior do país, destacava Tomar cuja “tessitura urbana clara e regular” melhor indicava um qualquer esquema prévio de urbanização. Estava-se em 1986.

Dez anos depois, noutro volume da mesma obra, é a vez de Saúl António Gomes<sup>39</sup> focar o tema, sistematizando o conhecimento entretanto produzido e avançando novas propostas, quer no sentido de somar novos casos ao universo das vilas de fundação conhecido, quer colocando a tónica em outras iniciativas que não as do poder régio, como era o caso dos cistercienses ou dos templários.

Foram sínteses que, apesar de tudo, revelavam nas suas poucas páginas e ausência de ilustrações o estado ainda pouco aprofundado e consolidado do conhecimento. É assumindo essa mesma lacuna que, entre outros, Mário Jorge Barroca, em 2002<sup>40</sup>, depois de alertar para a confusão comum entre o estudo da história urbana e o da história do urbanismo, conclui que, ao contrário da primeira onde se tem assistido a um extraordinário desenvolvimento, muito está por fazer no campo da segunda. Sistematizando a sua abordagem em três grandes áreas geográficas, Alto Minho, Alto Douro/Beira Interior e Alentejo, acrescenta ao já extenso elenco de *vilas novas* os casos de Serpa, Borba e Monforte, para além de salientar o papel da ordem do Templo na criação de núcleos urbanos como Tomar, Castelo Branco, antiga Vila Franca da Cardosa e Nisa.

Na finalização deste breve apanhado sobre enfoques historiográficos manifestamente direccionados para a leitura do espaço urbano medieval, resta referir os trabalhos de Sílvio Alves Conde, não só aquele que dedica a Tomar<sup>41</sup> como, mais recentemente e em colaboração com Marina Afonso Vieira<sup>42</sup>, o estudo comparado de Nisa, Alpalhão e Montalvão, metodologicamente assente sobre o cruzamento de fontes escritas, iconográficas e arqueológicas.

Com o que até aqui se referenciou não se pretende induzir em erro quem pretenda conhecer a totalidade do investimento realizado pela historiografia portuguesa sobre a expressão formal da cidade medieval. O quadro traçado remete apenas para os estudos que tentam fazer da expressão material o ponto de partida para a compreensão do todo civilizacional. Alerta-se, por isso, para o manancial

systematising the knowledge that had already been produced and also making new proposals. This involved adding further examples to the known founding towns, and emphasising other activities outside the scope of royal power, such as those of the Cistercians and the Templars.

As syntheses, these short pages (with no illustrations) revealed the superficial and unconsolidated level of knowledge. Amongst others, in 2002 Mário Jorge Barroca<sup>41</sup> accepted this state of affairs, also noting the widespread confusion between the study of urban history and the history of urbanism. He concluded that in the second case – unlike the first, where there had been significant development – much remained to be done. He consequently systematised his approach for three large geographical areas – Alto Minho, Alto Douro/Beira Interior and Alentejo – adding Serpa, Borba and Monforte to the extensive list of *vilas novas* (new towns) and emphasising the role of the Templars in creating urban centres such as Tomar, Castelo Branco, the former Vila Franca da Cardosa and Nisa.

To complete this brief survey of the historiographical approaches that clearly aim to help understand the medieval urban space, reference must be made to the work of Sílvio Alves Conde. This embraces his work on Tomar<sup>42</sup> and his more recent – in conjunction with Marina Afonso Vieira<sup>43</sup> – comparative study of Nisa, Alpalhão and Montalvão, which is methodologically based on cross-referencing written, iconographic and archaeological sources.

The above references are not intended to mislead anyone interested in discovering all the Portuguese historiography on the form of the medieval city. The above survey only refers to the studies that try to make this material the point of departure for an understanding of the whole. Thus, we would like to point out that there is a vast source of relevant yet dispersed information that can now be found in many works on urban history.

The city was a late arrival in Portuguese medieval history. However, almost exclusively thanks to A. H. de Oliveira Marques, it became a theme that was in clear development<sup>44</sup> as from the early 1980s<sup>45</sup>. The seminar on cities<sup>46</sup>, which he set up and led as part of the MA in Medieval History at the Faculty of Social and Human Sciences at the New University of Lisbon, produced a vast set of reference works that were solidly grounded in a shared

de informação relevante que, de forma dispersa, pode actualmente encontrar-se em largas dezenas de títulos em história urbana.

A verdade é que, apesar de tardiamente chegada à história medieval portuguesa, a partir dos inícios da década de 1980<sup>43</sup> a cidade se tornou, quase por exclusiva responsabilidade de A. H. de Oliveira Marques, um tema em franco desenvolvimento<sup>44</sup>. Do seminário sobre cidades<sup>45</sup>, que criou e dirigiu no âmbito do curso de mestrado em História Medieval da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, resultou um vasto conjunto de estudos de referência solidamente alicerçados numa base metodológica comum<sup>46</sup>. A partir de então incentivou-se de forma sistemática a produção de monografias onde, com base no levantamento de acervos documentais inéditos, se identificavam os respectivos contextos físicos, políticos, militares, económicos, administrativos e sociais<sup>47</sup>.

De toda a produção monográfica resultante dos sucessivos seminários – a que se juntaria o contributo de estudos em curso ou já efectivados por historiadores de outras universidades – resultaria em 1990 uma obra de síntese onde a forma e a topologia urbanas ocupavam lugar de destaque. Referimo-nos ao *Atlas de cidades medievais portuguesas*<sup>48</sup> onde cada cidade, num total de dezanove, era contemplada com uma ficha descritiva<sup>49</sup>, uma bibliografia seleccionada e, de acordo com a definição dos próprios autores, um “mapa simplificado”. Sem que o segundo volume então anunciado chegasse a ser publicado, a obra é ainda hoje única no género e por isso de grande utilidade. Apesar de tudo, o carácter sumário das representações – sem referências de altimetria ou divisão cadastral, por exemplo – acabaria por inevitavelmente condicionar o seu uso no âmbito da história do urbanismo, pois impossibilita o reconhecimento seguro da estruturação e evolução das formas, dos programas e dos contextos materiais.

Aos coordenadores do *Atlas* deve-se, de resto, o que sem grande margem de erro se pode considerar o mais extenso e contínuo investimento na história urbana portuguesa. Para além da definição de coordenadas metodológicas, das análises incisivas sobre a caracterização e evolução da cidade tardo-medieval, dos balanços historiográficos ou do estudo de casos sistematicamente desenvolvidos por Oliveira Marques<sup>50</sup>, importa referir a linha de investigação desenvolvida por Iria Gonçalves, tão importante

methodology<sup>47</sup>. The seminar systematically encouraged the writing of monographs based on surveys of unpublished documental sources, identifying the respective physical, political, military, economic, administrative and social contexts<sup>48</sup>.

The entire body of monographic work produced by these successive seminars – with the contribution made by ongoing studies by researchers from other universities – led in 1990 to a synthesis whose central focus was on urban form and topology. The work in question was called *Atlas de cidades medievais portuguesas* (Atlas of Portuguese Medieval Cities)<sup>49</sup>. The studies of each of the nineteen cities selected included an individual description<sup>50</sup>, a select bibliography and – following the definition established by the authors – a “simplified map”. Even though the promised second volume has yet to be published, the first volume is still a unique work in its field and therefore of enormous value. Yet despite its worth, the relatively poor imagery – lacking references to height or the cadastral division, for example – inevitably conditions its use within the history of urbanism, since guaranteed recognition of the structuring and evolution of the forms, programmes and material contexts is impossible.

Nonetheless, the co-ordinators of the *Atlas* can also take the credit for producing what can almost certainly be considered the most extensive and continuous academic investment in Portuguese urban history. In addition to defining the methodological co-ordinates, making incisive analyses of the characterisation and evolution of the late medieval city, producing historiographical balances and including Oliveira Marques’ systematic case-studies<sup>51</sup>, the research line followed by Iria Gonçalves<sup>52</sup> also merits mention, since it was of equal importance at an individual level and in the dynamic that she lent to the study of the theme by co-ordinating the project *Paisagens rurais e urbanas entre a Idade Média e os Tempos Modernos: Fontes para o seu estudo* (Sources to study rural and urban landscapes between the Middle Ages and Modern Times)<sup>53</sup>.

Amélia Aguiar Andrade is another central figure, due to her wide-ranging and extensive work at several levels. These include studying individual cases, characterising the common denominators in the urban landscape and her approach to the territorial scope, which particularly focused on issues of the frontier and the formation of the urban

no que toca à sua produção individual<sup>51</sup> quanto ao impulso dado ao estudo do tema através da coordenação do projecto *Paisagens rurais e urbanas entre a Idade Média e os Tempos Modernos: Fontes para o seu estudo*<sup>52</sup>.

Na mesma linha destaca-se Amélia Aguiar Andrade com um trabalho vasto desenvolvido a escalas diversas, do estudo de caso à caracterização dos denominadores comuns da paisagem urbana, passando por uma abordagem de âmbito territorial muito direccionada para as questões de fronteira e formação da rede urbana. Este seria, aliás, o tema central da sua dissertação de doutoramento com foco na região do Entre-Lima-e-Minho e cujas conclusões, assentes numa exaustiva caracterização dos contextos político-administrativos subjacentes ao fenómeno de fundação, são de uma importância fulcral para a história do urbanismo<sup>53</sup>.

Em pouco tempo o interesse pela cidade medieval despontaria em praticamente todos os núcleos universitários portugueses. Num número significativo de abordagens, surge com relevo a análise do espaço enquanto suporte de vivências caracterizando cronológica, topográfica e funcionalmente os principais edifícios e equipamentos, os percursos que os articulam, os largos e praças mais concorridos. Refiram-se, estritamente como exemplos, os trabalhos de Maria Helena da Cruz Coelho, Leontina Ventura, Saúl António Gomes e Anísio Saraiva na Universidade de Coimbra, os de H. Baquero Moreno, José Marques, Luís Carlos Amaral, Luís Miguel Duarte e Adelaide Millan Pereira em universidades do Porto, ou os de Conceição Falcão Ferreira na Universidade do Minho<sup>54</sup>.

No mesmo âmbito impõe-se-nos também uma chamada de atenção sobre os desenvolvimentos recentes sobre o estudo da casa urbana corrente enquanto elemento fundamental na conformação do espaço urbano, não só pelos dados que permite carrear sobre o ininterrupto processo histórico do *fazer cidade*, mas também pelas informações matricialmente inscritas sobre o *compor cidade* (rítmos, métricas, proporções, etc.)<sup>55</sup>.

Na finalização desta brevíssima passagem pela história urbana, destaque-se ainda a actual pluralidade de problemáticas e linhas de investigação em torno do mundo urbano. Sés, colegiadas e mosteiros, castelos e cercas, paços, propriedade do solo, paisagem, estrutura e relação de poderes, administração local,

network. This last question, focusing specifically on the Entre Lima and Minho region, would be the central theme of her doctoral thesis. Her conclusions, based on exhaustive characterisation of the political and administrative contexts underlying the phenomenon of foundation, are of vital importance for the history of urbanism<sup>54</sup>.

Within a short space of time, interest in the Portuguese medieval city would emerge in practically every Portuguese university. Among the considerable number of different approaches, the most significant was the analysis of the space as a support for human dwelling, characterising the main buildings and structures, the routes that connect them, the most popular squares and open spaces in chronological, topographical and functional terms. Specific reference can be made to the work of Maria Helena da Cruz Coelho, Leontina Ventura, Saúl António Gomes and Anísio Saraiva at Coimbra University, H. Baquero Moreno, José Marques, Luís Carlos Amaral, Luís Miguel Duarte and Adelaide Millan Pereira at various universities in Oporto and Conceição Falcão Ferreira at Minho University<sup>55</sup>.

Still within the same area, recent developments in the study of the standard urban house as a fundamental element in composing the urban space are also of particular note. Not only does the resulting data enable work to be carried out on the uninterupted historical process of *making the city*, but it also provides the information formally recorded on *composing the city* (rhythms, metrics, proportions, etc.)<sup>56</sup>.

To complete this very brief tour of urban history, the current plurality of problems and research programmes that focus on the urban world deserves mention. The list of aspects is endless: cathedrals, colleges and monasteries, castles and walls, palaces, land-ownership patterns, the landscape, structure and power relationships, local administration, justice, hygiene, sickness, poverty, minorities, religious rituals and experience, the market, legislation, etc. The various issues of medieval urban life are now well known, and it is thus hard to find a theme that has not yet aroused the interest of researchers. Yet within this diversity, there is one common denominator: the incalculable contribution towards understanding the genesis and evolution of the urban material structure – urbanism.

justiça, higiene, doença, pobreza, minorias, rituais e vivências religiosas, mercado, legislação e posturas, a lista seria infindável. A vida urbana medieval é hoje bastante bem conhecida nas suas múltiplas vertentes, sendo aliás difícil encontrar um tema que não tenha já suscitado o interesse de um qualquer investigador. E nessa diversidade há um denominador comum: o contributo inestimável para a compreensão da materialidade urbana – o urbanismo – na sua génese e evolução.

Mesmo dentro da economia deste texto, o panorama não ficaria completo sem uma referência especial ao papel da arqueologia urbana. Apesar dos constrangimentos provocados por uma demasiado frequente dependência dos interesses político-económicos e pela sujeição às leis do mercado, com as inevitáveis limitações decorrentes de uma actuação com carácter de emergência e salvamento, a arqueologia urbana não deixa por isso de registar avanços notáveis desde os anos 70, década marcada pelo início do modelar projecto *Salvamento de Bracara Augusta*, sediado na Universidade do Minho<sup>56</sup>. No nosso âmbito, o medieval, assinala-se a criação, também nessa década, do Campo Arqueológico de Mértola (1978) ou o começo dos estudos em Silves (1979), qualquer um deles fundamental para o desenvolvimento do nosso tema<sup>57</sup>.

Actualmente poucas são as cidades onde a arqueologia urbana não é chamada a actuar ainda que, demasiadas vezes, de forma circunstancial e descontinuada. Lisboa, Porto, Coimbra, Santarém, Évora, Viseu, Chaves ou Moura são apenas algumas das cidades em que a intervenção arqueológica tem sido decisiva para a recuperação da imagem de uma cidade que a documentação escrita apenas pontualmente descreve ou simplesmente omite<sup>58</sup>. Por outro lado, é sobre a arqueologia urbana que recai a responsabilidade de corroborar ou infirmar, sobre provas com validade científica, dados cruzados por lendas e tradições, cuja *legitimidade* decorre, por regra, de uma longa e obscura genealogia de citações.

Tudo isto nos dá dados fundamentais sobre as peças do *puzzle* urbanístico, mas não uma leitura de síntese, uma visão global do espaço urbano das cidades medievais portuguesas. Isso, só a imagem e o desenho sobre a cidade actual poderão ajudar a fazer.

Even within this text, the panorama would not be complete without special mention of the role played by urban archaeology. Despite the restraints caused by an over-frequent dependency on political and economic interests and by being subject to the laws of the free market, with the inevitable limitations that come from acting in emergency conditions to safeguard heritage, urban archaeology still has made significant progress since the 1970s, a decade that was influenced by the start of the ground-breaking and defining project called *Salvamento de Bracara Augusta* (Saving Ancient Braga), based at Minho University<sup>57</sup>. Within medieval circles, the creation of the Mértola Archaeological Camp (1978) and the beginning of the studies in Silves (1979), both of which were fundamental for the development of this theme, are also of note<sup>58</sup>.

Nowadays, urban archaeology has been called on in practically almost every city, albeit too often in a circumstantial and interrupted form. Lisbon, Oporto, Coimbra, Santarém, Évora, Viseu, Chaves and Moura are just a handful of the cities where archaeological work has been decisive in recovering the image of a city whose written documents only give scant descriptions or simply omit any reference<sup>59</sup>. Moreover, urban archaeology is responsible for corroborating or annulling scientific evidence, facts that are cross-referenced by legends and traditions whose *legitimacy* generally comes from a long and obscure genealogy of quotations. All these sources provide fundamental data on the pieces of the urbanistic puzzle, but fail to offer a global vision of the urban space of Portuguese medieval cities. Only the image and design over the current city surveys can help to produce such a vision.

✚

#### MORPHOLOGY: THE CITY AS A DOCUMENT

The above brief tour simultaneously reveals the dispersion, variations and diversity of the approaches, themes and methods already used to develop knowledge of *Portuguese medieval urbanism*. It also demonstrates the existence of a considerable, updated and broad set of framing data and *urban history*, which are essentially based on using documental sources and are sadly lacking in images and forms.

As this article does not aim to present *the* or even an original solution<sup>60</sup>, we will now report on one

## MORFOLOGIA: A CIDADE COMO DOCUMENTO

Ainda que sumário, o roteiro que acabámos de fazer revela-nos simultaneamente a dispersão, errância e diversidade de abordagens, temáticas e métodos já utilizados para o desenvolvimento do conhecimento sobre o *urbanismo medieval português*. Demonstramos também a existência de um considerável, actualizado e abrangente conjunto de dados de enquadramento e *história urbana*, sendo estes essencialmente baseados na exploração de fontes documentais e muito carentes de imagem e forma.

Não tendo a pretensão de apresentar *a* ou uma solução original<sup>59</sup>, queremos agora dar conta de uma parte do caminho que nos propomos trilhar no âmbito de um projecto de investigação inicialmente referenciado, bem como dos resultados preliminares já obtidos. Trata-se de uma abordagem feita essencialmente no domínio da resultante morfológica do *urbanismo medieval português*, mas que tem como fundo estruturante uma reflexão sobre os seus mais relevantes processos e contextos.

Nos aspectos essenciais, aquilo de que agora queremos dar notícia não é de forma alguma exclusivamente aplicável aos cascos urbanos cuja matriz morfológica é essencialmente devida a acções empreendidas na Idade Média, ainda que de certa forma lhes seja específico. Podemos considerá-lo adequado para períodos/casos nos quais o registo gráfico, mas também o descritivo, do projecto urbano e da sua resultante ainda não existia ou, pelo menos, não era uma prática instituída de forma a que esses desenhos chegassem até hoje. Para períodos posteriores, os procedimentos para uma pesquisa sobre a evolução morfológica têm de ser outros.

Por outro lado, para uma realidade histórico-territorial como a do actual território português, não pode existir a veleidade de se abordar o processo urbanístico de um período histórico sem se obter conhecimento sobre os demais, em especial sobre os antecedentes. Se a formação da rede urbana e territorial portuguesa é uma consequência da formação e consolidação da nacionalidade – por conseguinte medieval –, a verdade é que o território já então sofrera processos de urbanização e reurbanização – esta essencialmente no sentido de reforma

part of the proposed path within the initial research project mentioned and the preliminary results obtained. This involved an approach that essentially focused on the morphological result of *Portuguese medieval urbanism*, but whose structuring base is a reflection on the most relevant processes and contexts.

The fundamental aspects we wish to emphasise are not exclusively applicable to the urban centres whose morphological model basically results from work done in the Middle Ages, although it is – to some extent – specific to that period. This can be considered appropriate for periods/cases in which the graphic (and descriptive) records of the urban project and its results did not as yet exist, or were at least not sufficiently established for such drawings to have survived. For later periods, the procedures for research into morphological evolution must be different.

On the other hand, given the historical and territorial situation of what is now Portuguese territory, the urbanistic process of a historical period cannot be approached lightly without some knowledge of the other periods, especially those that came before. While the creation of the Portuguese urban and territorial network was the result of forming and consolidating the nation, and was therefore a medieval process, it is equally true that the territory was already undergoing processes of urbanisation and reurbanisation (specifically in the sense of reform and renewal) that left models and decisive marks on the era in question.

In general, and specifically for earlier periods, the data from *urban history* is essential for the *history of urbanism*. This is not only important to provide a general context, knowledge of the structures and conjunctures, reliability, etc., but also to deal with the challenges raised by interruptions or gaps in the spatial interpretation. Likewise, there are general questions that can only be answered or gauged through this perception of spaces and their evolution.

Even using technologically sophisticated means, it is impossible to recreate urban spatial environments from other ages, although that is of little relevance for our purpose here. Yet the architectural and urbanistic structuring can be envisioned, and its installation (*urbanisation*), implicit concepts (*urbanistics*) and evolution through until today can all be drawn,

e renovação – que deixaram matrizes e vincos determinantes para a etapa em questão.

De uma forma geral, mas muito em especial para épocas tão recuadas, os dados da *história urbana* são essenciais para a *história do urbanismo*, não só pela contextualização global, conhecimento das estruturas e conjunturas, fiabilidade, etc., mas também pelos desafios lançados pelas suas descontinuidades ou ausências de leitura espacial. Em retorno, há questões gerais que só encontram resposta ou aferimento através dessa percepção dos espaços e da sua evolução.

É impossível, mesmo recorrendo aos meios tecnologicamente mais sofisticados, recriar ambiências espaciais urbanas de outrora, o que para o que aqui nos interessa também pouco importa. Mas é possível vislumbrar a estruturação arquitectónico-urbanística e traçar, não só a sua instalação (*urbanização*) e os conceitos implícitos (*urbanística*), mas também a sua evolução até hoje, embora o processo que se nos tem afigurado como mais seguro e produtivo tenha sempre sido o inverso, ou seja, regredindo no tempo.

Independentemente dos interesses e da formação de cada um, da estruturação do seu discurso em função de um tempo longo – *discurso longitudinal* –, ou de um corte cronológico – *discurso transversal* –, os aspectos e os resultados mais relevantes da investigação empreendida são idênticos. A realidade exumada não pode ser diversa, as interpretações históricas, sim, mas têm de ser formuladas segundo protocolos que permitam a sua verificação, desenvolvimento e refutação pelos demais. Como fazê-lo?

Os documentos escritos são fontes inestimáveis, mas não são únicas e por norma são insuficientes, com uma informação espacial equívoca e descontínua. Na sua hermenêutica não dispensam uma cuidada exegese, designadamente quando se trata de espécies locais, privadas ou pessoais. Por exemplo, quando estão em causa bens de raiz, tal como hoje, sempre se exararam por escrito inexactidões, se não mesmo mentiras. Mas por variadas razões a indução em erro decorre das mais diversas fontes, sendo absolutamente essencial a respectiva acareação sistemática e exaustiva, a par com a crítica dirigida a cada uma delas. Não só para as aferir, mas também para, a partir das suas convergências, criar imagens, tecer continuidades.

even though the safer and more productive process has always been the opposite: going back in time.

Regardless of each individual's interests and background, and whether the discourse is structured as a function of a long period (*longitudinal discourse*) or as a chronological cross-section (*transversal discourse*), the most relevant aspects and results of the research are identical. Only the historical interpretations – and not the situation uncovered – can diverge, but even they must be established according to agreed systems that enable them to be verified, developed and/or rejected by others. It remains to be seen how this can be achieved.

While written documents are invaluable, they are not the only sources. Indeed, they are generally insufficient, with inaccurate and fragmented information. Moreover, their hermeneutics require a careful exegesis, specifically when dealing with local, private or personal documents. For example and just as today, when property is at stake, written records contained at best inaccuracies, at worst downright lies. For various reasons, we may be deceived by a wide range of sources, and must challenge this information in a systematic and exhaustive manner. In addition, each individual element must be analysed, not only to assess them all, but also to create images and continuity from their convergences.

While running the risk of omission, reference must be made to the types of sources that must be used in each individual case, although situations are commonly found where it is difficult to find sufficient information to start a minimally sustainable interpretation, even within a single type of source. Besides written documents<sup>61</sup>, the sources include iconography and historical cartography<sup>62</sup>, records and illustrations by travellers<sup>63</sup>, historical and geographical dictionaries<sup>64</sup>, records of the major restoration campaigns in the nineteenth and twentieth centuries<sup>65</sup>, records of the major renovation and urban expansion campaigns in the nineteenth and twentieth centuries<sup>66</sup>, and the first, nineteenth-century, scientific urban cartography to include cadastral records<sup>67</sup>.

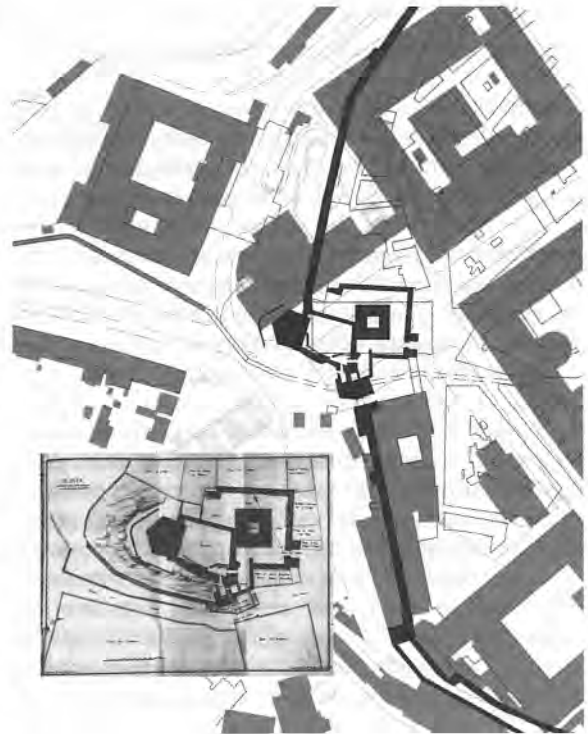
However, the richest and most accurate source is the object itself. In the specific case of the city, the problem adopts a particular form, since its size, density, permanent mutability and complexity mean that processes of abstraction must be used. In fact, except for architecture and urban landscape, every

Correndo o risco da omissão não podemos aqui deixar de referir os tipos de fontes a que, para cada caso, nos parece indispensável recorrer, ainda que não rareiem as situações em que seja difícil encontrar, mesmo que num só dos tipos, informação suficiente para assim se iniciar uma interpretação minimamente sustentada. Para além da documentação escrita<sup>60</sup>, temos a iconografia e a cartografia histórica<sup>61</sup>, os relatos e ilustrações de viajantes<sup>62</sup>, os dicionários histórico-geográficos<sup>63</sup>, os registos das grandes campanhas de restauro dos séculos XIX e XX<sup>64</sup>, os registos das grandes campanhas de renovação e *ensanche* urbanos dos séculos XIX e XX<sup>65</sup>, a primeira cartografia urbana científica com registo cadastral (oitocentista)<sup>66</sup>.

Porém é o próprio objecto a fonte mais rica e precisa. No caso específico da cidade, o problema coloca-se de forma particular pois pela sua dimensão, densidade, permanente mutabilidade e complexidade, torna-se imprescindível o recurso a processos de abstracção. Aliás, com excepção para a arquitectura e a paisagem urbanas, tudo no urbanismo, a própria forma e as formas da cidade, são necessariamente abstracções – quer na memória, quer na representação. Por exemplo, ao invés do trabalho em teoria, crítica ou história da arte sobre uma representação da realidade, em que a abstracção é o objecto artístico, aqui trabalhamos com abstracções do objecto, devendo fazer com que toda a acção de pesquisa a ele nos reconduza.

No fundo, por representações rigorosas ou por si mesma, o referente, a garantia de rigor do processo e dos resultados consiste na própria cidade, na sua expressão contemporânea. Sendo ela o repositório e o resultado de um permanente processo de evolução, nela tem que ser possível verificar todo o tipo de interpretações que advenham da utilização e composição dos dados recolhidos nas mais diversas fontes e junto do conhecimento produzido por terceiros nas mais diversas áreas disciplinares. E tudo isto é independente dos propósitos que movem a investigação de cada um.

O(s) resultado(s) são, também eles e necessariamente, abstracções. Aliás, o que mais podem ser ensaios de representação de uma realidade passada e irreversível? Não é a geometria uma forma de observação da estrutura do real? Por definição, o objecto da *história do urbanismo* já deixou de existir, apenas o seu contributo, o seu resíduo – activo ou não – persiste na realidade contemporânea, sujeito a perma-



*W. Rossa e Sandra Pinto, Localização do antigo castelo de Coimbra. Desenho digital sobre levantamento cadastral actual, feito a partir de diversos elementos desenhados de que se junta, como exemplo, o levantamento de G. Eldsen de 1772.*

*Centro de Estudos de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2002*

- negro: traçado da muralha e barbacã
- cinzento: implantação dos edifícios actuais
- tracejado: edifícios existentes até à intervenção do Estado Novo na década de 40 do século XX

*W. Rossa & Sandra Pinto, Location of the former castle of Coimbra. Digital drawing based on the current cadastral record, using various drawings and, for example, the survey by G. Eldsen in 1772*  
*Centre for Architectural Studies, Faculty of Science and Technology, University of Coimbra, 2002*

- black: line of the wall and barbican
- grey: location of current buildings
- dotted line: buildings that existed until the demolitions and building during the Estado Novo (Salazar regime) in the 1940s



nente mutação. O que se obtém com este processo é uma síntese de dados morfológicos sem a qual não é possível fazer *história do urbanismo*, mas que, por si só, não é *história do urbanismo*. Claro que há uma componente interpretativa, designadamente quando no preenchimento de vazios, de descontinuidades no conhecimento, se registam *suposições*.

É como se os materiais para a *história do urbanismo* fossem resultado da manipulação do que entendemos como instrumento central para a interpretação da evolução morfológica: a relação entre o desenho e a geometria. Só que no processo de composição do conhecimento e do discurso, a *história do urbanismo* carece da história, quer no que se refere à evolução da *urbanística*, quer no que advém da globalidade do processo.

O rigor e o domínio dos protocolos de representação/abstracção são cruciais para a manipulação dos instrumentos a que, tal como já aqui foi referido para as fontes, temos de recorrer da forma mais exaustiva possível. São eles, designadamente, o levantamento topográfico feito sobre o terreno, as fotografias aérea (*orto*) e de satélite restituídas e os resultados conjugados como os resultantes de restituição por fotogrametria, sendo os mais conhecidos e comuns precisamente os levantamentos aerofotogramétricos. De um outro tipo, mas também uma abstracção em relação à realidade, é a representação dos vestígios exumados pela arqueologia urbana, normalmente referenciados a um levantamento de ordem geral e superior como os que acabámos de listar.

Na prática, para quem trabalha em planeamento, urbanismo, ordenamento do território, desenho urbano, etc., e na sua teorização e história, esses materiais acabam muitas vezes por ser a cidade, vício de abstracção de que nem sempre se tem plena e permanente consciência. Equivocamente, o desenho geométrico – no fundo, e redutoramente, de nada mais se trata, mesmo quando em ambiente digital – muitas vezes acaba por se constituir no objecto da análise, da síntese e da proposta. E assim nos exprimimos com termos como malha, tecido, matriz, forma, padrão, etc.

É uma terminologia parca para nos dar algo de volumico, para além de uma textura fina, um baixo-relevo de cheios e vazios. Também insuficiente para que tenhamos presentes as razões, o contexto e as condicionantes para as mais diversas opções. Isso sugere-nos, por exemplo, a necessidade de introdu-

aspect of urbanism, the very form and forms of the city, are necessarily abstractions – either in memory or in imagery. In contrast to art theory, criticism or history applied to representations of reality in which abstraction becomes the artistic object, we are working here with abstractions of the object. We must therefore make sure that all the research work leads back to that object.

Basically, either through accurate representations or through itself, the city in its contemporary form is the referent – the guarantee of accurate process and results. Since the city is the repository and result of a permanent process of evolution, interpretations that result from the use and compilation of data gathered from the most diverse sources and use of the knowledge produced by others in a wide range of disciplinary fields, it is in the city that this must be visible. Evidently, this is true regardless of the purposes behind each individual's research.

The result(s) are also necessarily abstractions, as any attempted representation of a past (and hence irreversible reality) must be. Geometry is ultimately a form of observing the structure of what is real. By definition, the object of the *history of urbanism* has ceased to exist, and only its contribution, its residue (whether active or not) lives on in the contemporary world, and is subject to constant change. The result of this process is a synthesis of morphological data without which it is impossible to write the *history of urbanism*, but which does not in itself comprise the *history of urbanism*. Clearly, there is an element of interpretation, namely when *suppositions* are made to fill the gaps in knowledge.

It is as if the materials available to write the *history of urbanism* were the result of handling what we see as the central instrument in interpreting the morphological evolution: the relationship between the design and geometry. Yet in the process of composing knowledge and discourse, the *history of urbanism* needs history, both in terms of the evolution of *urbanistics* and in what comes from the global scope of the process.

As said above on the sources, accuracy and mastery of agreements on representation/abstraction are crucial in handling the tools available in the most exhaustive form possible. These tools are topographic surveys done in the field, aerial photography (*orthophotography*) and with restitution satellite photography and the results combined with those from

zir leituras rigorosas de relevo e volumes, o que nem sempre é possível fazer com o mesmo grau de certeza atingido nas representações planimétricas. Só há pouco mais de dois séculos se consubstanciou a abstracção que passou a permitir uma representação fiável do relevo na cartografia: a curva de nível. Outras abstracções estarão a caminho.

Há já algumas décadas que todo o material resultante já acima referido – fotografias aérea e de satélite restituídas, levantamentos aerofotogramétricos – passou a poder ser inserido/vectorizado, trabalhado, interrelacionado e armazenado em ambiente digital. Pouco depois passou a ser produzido nesse meio, sendo hoje comum a sua disponibilização sob geo-referenciação<sup>67</sup>, o que se oferece como meio único para a sua compatibilização global. Quer com isto dizer-se que assim se torna finalmente possível resolver por rectificação as discrepâncias frequentes entre representações, mesmo as mais recentes.

Mas não é apenas isso o que a geo-referenciação nos oferece, pois também torna possível deformar digitalmente itens de fontes de cartografia histórica por forma a que passem a corresponder aos padrões de rigor de hoje – no fundo e simplesmente: de maneira a sobreponem-se aos levantamentos mais precisos e actuais. Assim se torna mais fácil e precisa a confrontação e identificação do que representam na cidade existente. Mas isso não dispensa a crítica da fonte cartográfica, pois muitas há – designadamente desenhos relativos a obras de fortificação – em que a representação do tecido urbano é pouco mais do que alegórica (não era esse o seu objecto ou propósito).

Um levantamento geo-referenciado poderá e deverá também incluir, entre outras, informação sobre o relevo e a volumetria do edificado, permitindo de forma expedita a realização de modelos virtuais de três dimensões (3D), em alguns casos essenciais para a determinação dos vazios do conhecimento e da interpretação dos processos evolutivos da cidade como um todo e nos seus mais variados espaços.

Em síntese – porque aqui não importam os detalhes técnicos –, a geo-referenciação, com limitações desprezíveis, permite-nos fixar sobre um único suporte num número infinito de camadas (*layers*) toda a informação desenhada de que dispomos sobre a evolução do território em estudo. Sobre esse mesmo suporte, e num processo interactivo de interpretação, podemos não só ir lançando e conjugando dados

photogrammetry with restitution. The best known and most common of these forms are aerial photographic surveys. Representations of remains discovered by urban archaeology are another type of abstraction from reality, which are normally related to a general and higher survey, such as those listed above.

In practice – for those who work in planning, urbanism, land ordinance, urban design, etc., and its theory and history – these materials often become the city, an extreme abstraction of which one is not always fully or permanently aware. Wrongly, the geometrical design – essentially and simplistically this is all it is, even when it is part of a digital environment – often ends up as the subject of analysis, synthesis and proposal. This explains why we use terms like mesh, fabric, matrix, form, pattern, etc.

This terminology is inadequate as regards volume, since it only provides a fine texture, a low relief or full and empty spaces. It is equally unsatisfactory when bearing in mind the reasons, context and conditioning factors for the widest range of options. This seems to suggest, for example, the need to introduce accurate readings of relief and volumes, which is not always possible with the same degree of certainty achieved by planimetric imagery. The abstraction that enabled trustworthy imagery of relief in cartography: the level curve was only established slightly over two hundred years ago. Other abstractions are on their way.

Some decades ago, all the material produced by the above – aerial and satellite photography with restitution and the resulting aerial photogrammetric surveys – started being available for insertion/vectoring, and was worked with, interrelated and then stored in a digital format. Shortly afterwards, it started being produced in the digital environment, and is now commonly available in the form of georeferencing<sup>68</sup>, which appears as the only means for global compatibility. This means that it has finally become possible to rectify the frequent discrepancies between imagery, even in its most recent forms.

Yet georeferencing offers more than this, as it means that items from historical cartography can be digitally adapted to correspond to the accurate patterns found today. Essentially, this simply means more rigorous and up-to-date surveys can be superimposed, making it easier and more accurate to compare and identify what such surveys represent in the con-

provenientes das mais diversas fontes, mas também suposições, em desenho, tentando dar resposta às inúmeras dúvidas e vazios que um processo deste tipo sempre gera.

É crucial que se vão registando claramente e de forma diferenciada cada uma dessas suposições ou informações, pois enquanto os dados decorrem das fontes e são, em tese, fixos, os outros são interpretação e por isso sujeitos a alteração ou rejeição. Sendo a maior parte destes elementos de natureza alfanumérica, o que assim se requer é que toda a informação convirja numa base de dados cujas características são as de um SIG (Sistema de Informação Geográfica), pois a matriz reguladora de toda a informação é a posição geográfica, o sítio a que diz respeito, facilmente identificado por um elemento cartográfico geo-referenciado.

Num processo automático, o sistema pode fornecer, de forma interrelacionada estabelecida por menu, toda a informação carregada com ele relacionada. Para um dado local podemos ter toda a informação relativa à sua situação actual (fotografias, desenhos, descrição, dados sócio-económicos, etc.), mas também o seu passado e evolução (fontes, bibliografia, reconstituições virtuais, etc.), bem como a referência e ligações (*links*) a outros casos semelhantes. Acresce a possibilidade de fazer migrar esta informação – na essência uma base de dados – para SIG's mais complexos, relativos, por exemplo, à gestão urbanística ou à salvaguarda.

A verdade é que a acumulação de abstrações num suporte desse tipo acaba por gerar uma aproximação profunda e estruturada à realidade, a qual é essencial à construção da história e ao conhecimento do estabelecimento e da evolução de qualquer cidade ou rede urbana.

O projecto que logo no início referenciámos tem como objectivo de longo prazo a consubstanciação de uma base de dados com essas características sobre a formação e evolução das cidades e da rede urbana portuguesa. Numa primeira fase, iremos proceder ao tratamento, uniformização e geo-referenciação dos materiais gráficos já disponibilizados por nós e por grupos de alunos que conosco têm trabalhado sobre a matéria<sup>65</sup>. Depois evoluiremos para outros objectivos, assim o apoio necessário não falte.

Os resultados preliminares a que chegámos são necessariamente díspares porque exploratórios, mas

temporary city. Obviously, the cartographic source should still be scrutinised, since many – specifically drawings for fortifications – show the urban fabric as little more than an allegory because its depiction was not the objective of the work.

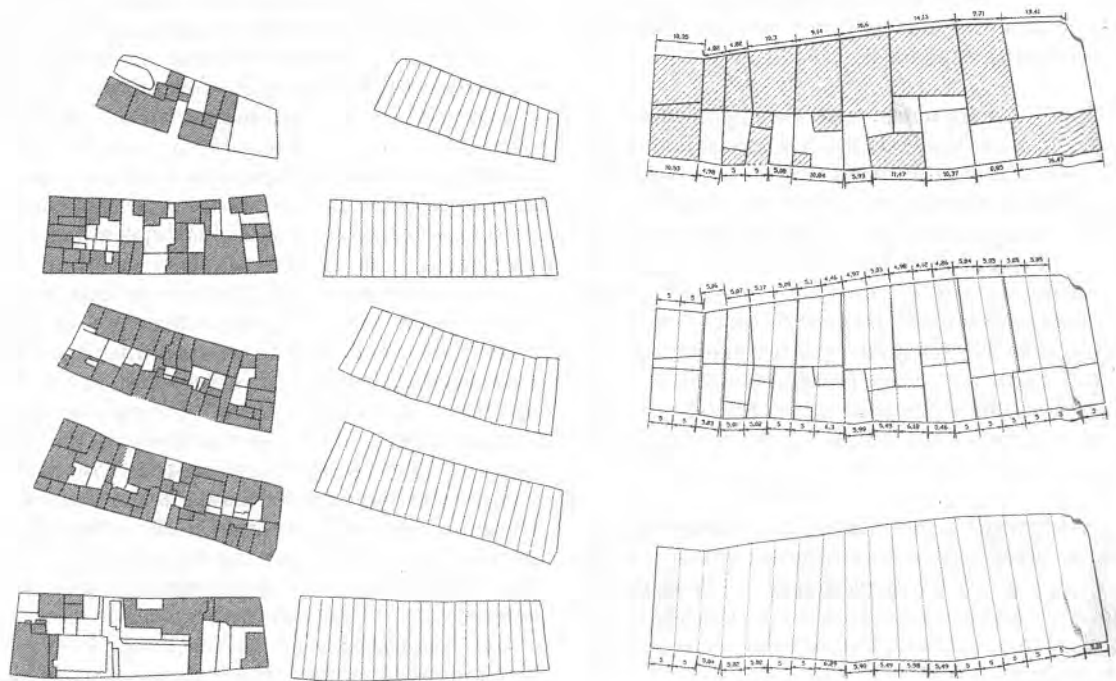
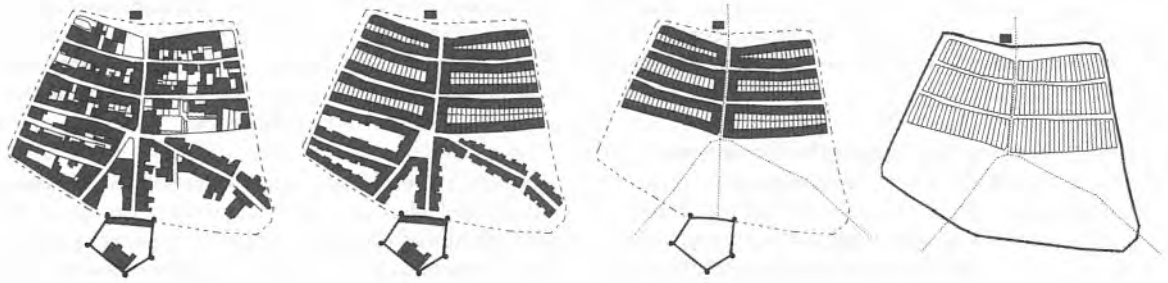
Amongst other items, georeferencing surveys can and should also include information on the relief and volume of the buildings, helping to create virtual 3D models. In some cases, these are essential to define the gaps in our knowledge and our interpretations of the evolutionary processes of the city as a whole and its various different spaces.

In brief, since the technical details are not relevant here, georeferencing enables an infinite number of layers of drawn information depicting the evolution of the territory in question to be established on a single support with negligible restrictions. Through an interactive process of interpretation, we can not only launch and combine data from a wide range of sources on the same support, but also add suppositions so as to try and find answers to the countless doubts and gaps found in any such process.

A clear and differentiated register of each supposition or piece of information must be drawn up. While data comes from sources and is in principal unchanging, suppositions are a question of interpretation and thus subject to alterations or rebuttal. As most data is stored in alphabetical or numerical form, all the information must be centralised in a GIS (Geographic Information System) database. Thus, the regulating matrix of all the information is the geographical location, the respective site, which is easily identified by a georeferenced cartographic element.

In an automatic process, this system can use a menu to provide all the information that has been introduced in an interrelated form. For a specific place, this allows access to all the information about its current state (photographs, drawings, description, socio-economic data, etc.), but also to the data about its past and evolution (sources, bibliography, virtual reconstitutions, etc.), as well as the reference and links to other similar cases. In addition, this information (the database) can be exported to more complex GISs that operate for example, in managing or safeguarding the city.

In fact, the accumulation of abstractions on a support of this type ultimately brings a profound and



C. Gomes, N. Filipe, S. Duarte, *Análise morfológica do sistema compositivo original da cidade nova de Viana do Alentejo. Desenho digital sobre levantamento cadastral actual.*

*Trabalho prático de História da Arquitectura Portuguesa, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2002-2003*

C. Gomes, N. Filipe, S. Duarte, *Morphological analysis of the original compositional structure of the Viana do Alentejo new town. Digital drawing based on the current cadastral record.*

*Assignment submitted to the History of Portuguese Architecture subject,*

*Department of Architecture, Faculty of Science and Technology, University of Coimbra, 2002-2003*

demonstram as potencialidades dos instrumentos usados, bem como a consciência da abstracção neles induzida. Todos eles têm como pano de fundo, melhor, como instrumento de aferição, a situação actual e foram desenvolvidos com o desenho num papel instrumental central do processo de pesquisa. Isso faz-nos regressar um pouco atrás para tentar explicitar um pouco mais em que é que tudo isto pode ser útil para a evolução do conhecimento sobre o *urbanismo medieval português*. Importa desde logo questionar: que abstracções são retiradas da realidade e colocadas em desenho, em suporte cartográfico? A resposta pode ser “tudo”, mas é bem mais restrita no que diga respeito ao nosso âmbito disciplinar.

Um dos elementos essenciais – se não mesmo o mais importante, pois comporta e estabelece diversas outras informações e relações como a topografia, os eixos de comunicação à escala territorial, as estruturas defensivas, a regra de composição algébrico-geométrica, a rede viária, etc. – é o cadastro, o qual surge incontornavelmente relacionado com o balanço entre espaços e massas (cheios e vazios do solo). O cadastro é, pelas razões induzidas pelos desfasamentos cronológicos na transmissão da propriedade e transformação dos edifícios, o registo material de maior persistência, bem mais do que a rede viária ou a própria topografia.

Pelas suas características geométricas é também um dado precioso na percepção e análise morfológicas, pois permite-nos, por exemplo, identificar conjuntos cuja homogeneidade referencia a sua instalação conjunta num dado momento por oposição aos adjacentes; é um auxiliar precioso na reconstituição de unidades cadastrais e edificadas entretanto repartidas; torna evidentes cicatrizes deixadas por acidentes naturais (ribeiras, taludes) entretanto obliterados, etc.

Uma das possibilidades do reconhecimento cadastral ultimamente mais explorada, é a da determinação dos sistemas compositivos e proporcionais dos lotes e, por indução, do edificado da planta aos alçados e, assim, aos volumes. Recorrentemente tem sido possível identificar sistemas de composição algébrico-geométricos, tornando óbvia a existência bastante precoce de uma prática de coordenação métrica e construtiva relativamente sistematizada que, aliás, se desenvolveu e sofisticou até ao final do Antigo Regime<sup>69</sup>. No caso português, esta tarefa encontra-se particularmente facilitada, pois a nor-

structured approach to reality, which is essential to construct history and knowledge of the establishment and the evolution of any city or urban network.

The long-term goal of the project mentioned at the start is to establish such a database on the creation and evolution of Portuguese cities and the urban network. We initially aim to process, standardise and georeference the imagery that we have provided and that has also come from groups of students who have worked with us on this material<sup>69</sup>. We will subsequently move on to other objectives, as long as the necessary financial support will continue.

The preliminary results reached are necessarily uneven, precisely because they are exploratory. However, they do demonstrate the potential of the tools used, and the value of knowing the abstractions they produce. All the results take the current situation as the background – or better, as a measuring tool – and were developed as a central tool in the research process.

This obliges us to go back slightly and try to give a more refined explanation of how all this can be useful for the evolution of knowledge of *Portuguese medieval urbanism*. The first question to be addressed is which abstractions are taken from reality and put into drawing form with a cartographic support. Although the simple answer could be “everything”, it is in fact substantially more restricted within this field.

The cadastral record is one of the vital elements. In fact, it may even be the most important, as it involves and establishes various other items of information and relationships with topography, communication axes at territorial level, defensive structures, the rule of algebraic/geometrical composition, the road network, etc. This record is inextricably related to the balance between space and masses: the full and empty spaces on the ground. Due to different chronologies in transmitting property and transformations of buildings, the cadastral record is the longest lasting material record, surviving far longer than the road network of even the topography.

Given its topographic characteristics, the cadastral record is also an invaluable fact in understanding and analysing the morphology. For example, it enables the identification of sets whose homogeneous features define a combined installation at a specific

malização do sistema de medidas lineares é extraordinariamente precoce em relação ao contexto europeu, sendo estabelecida através de um esquema de proporções de evolução geométrica<sup>70</sup>.

Obviamente, na maior parte dos casos já estudados, a estruturação geométrica do cadastro faz parte de um sistema que engloba o traçado urbano imediato ou seja, a praça, a rua, o largo, não apenas na respectiva planimetria mas em tudo quanto respeita à percepção e fruição do espaço. São o traçado e a composição arquitectónica da cidade, a forma pela qual, no fundo, o urbanismo é arquitectura.

A abstracção em que consiste a malha cadastral tem pois largas potencialidades, também elas dedutíveis em regime de abstracção pura que carece de uma permanente aferição pelo confronto com o que se sabe sobre a realidade coeva. Por exemplo, em muitas situações é possível encontrar descrições cadastrais com dimensões declaradas, designadamente em tombos de bens da coroa, municípios, instituições eclesiásticas, etc. Um caso em que o experimentámos até à exaustão foi o da actual Rua Ferreira Borges em Coimbra, no qual a realidade cadastral e morfológica actual confere com a retratada num tomo de 1532. Esse trabalho permitiu-nos ainda, por exemplo, identificar com clareza a cicatriz actual do antigo posicionamento de um troço da barbacã<sup>71</sup>. Através do exemplo breve do cadastro vemos, pois, como em história do urbanismo é essencial viajar simultaneamente entre a abstracção e a realidade, entre o passado e a actualidade, preenchendo os negativos da historiografia tradicional com os resíduos positivos existentes na cidade actual. Para tal é essencial ter disponível e organizada, segundo protocolos rotinados, toda a informação existente, sendo a forma mais eficaz, senão única de o fazer a construção e manutenção de um Sistema de Informação Geográfica. Através dele, a cidade constitui-se na mais completa fonte de informações, no melhor documento para o seu próprio estudo.

→

Como é óbvio o conhecimento dos processos urbanísticos não se esgota na sua resultante morfológica.

O objectivo central da história do urbanismo é, afinal, saber como num dado momento se fez cidade e como a partir dessa matriz ela se desenvolveu. Pretendemos descodificar as regras de composição

moment, in opposition to the adjacent buildings. It is therefore a valuable support in reconstituting cadastral and built units that have since been split up, as it reveals the scars left by natural accidents (streams, dams) that have since disappeared, etc.

One potential use of cadastral recognition that has been more widely explored in recent times is to define the compositional and proportional systems of the plots of land, using this to calculate the form of the building from the ground-plan to the elevations and thus the volumes. This has systematically enabled the algebraic/geometrical compositional systems to be analysed, clearly demonstrating the very early practice of relatively systematised metric and constructional co-ordination, which was developed and refined until the end of the *ancien régime*<sup>70</sup>. In Portugal, this was made particularly easy since the standardisation of the system of linear measurements came at an exceptionally early stage within the European context, and was established through a system of proportions with a geometrical evolution<sup>71</sup>.

Obviously, in most studied cases, the cadastral record's geometrical structuring was part of a system that also embraced the immediate urban structure (square, street, open space, etc.) not only in the respective planimetry but in all aspects related to the perception and use of the space. This embraced the design and architectural composition of the city: the form in which ultimately urbanism is architecture.

Thus, the abstraction that forms the cadastral mesh has vast potential. It can also be used in terms of a pure abstraction that needs permanent comparison with what is known about the contemporary situation. For example, cadastral descriptions with stated dimensions can be found in many situations, namely in records of the property that belonged to the crown, municipalities, ecclesiastical institutions, etc. One case where this is amply demonstrated is what is now Ferreira Borges Street in Coimbra, where the cadastral form and current morphology match the description found in a record dated 1532. Moreover, the same work also led to a clear identification of the existing scar left by the former position of a section of the barbican<sup>72</sup>.

Taking the cadastral record as a brief example, we can see how the history of urbanism requires a simultaneous journey between abstraction and reality, and between the past and the present, filling



*Luísa Trindade e Sandra Pinto, Continuidade morfológica e cadastral da Rua Ferreira Borges (antiga Calçada), em Coimbra. Modelo digital sobre levantamento cadastral actual, com base no Tombo Antigo da Câmara de Coimbra (1532). Centro de Estudos de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2004 (fotografia aérea: Instituto Geográfico Português)*

*Luísa Trindade & Sandra Pinto, Morphological and cadastral continuity in Ferreira Borges Street (formerly called Calçada), Coimbra. Digital model based on the current cadastral record and on sources at Coimbra City Council Tombo Antigo (Old Archive, 1532). Centre for Architectural Studies, Faculty of Science and Technology, University of Coimbra, 2004 (aerial photography: Portuguese Geographical Institute)*

e métodos de ordenar o território, saber, em suma, como se pensou e operou a materialidade urbana, independentemente da utilização prévia ou não do desenho enquanto estudo, projecto, plano, mas sempre enquanto desígnio em imagem – por conseguinte desenho mental –, repartidor e ordenador.

A utilização do desenho simultaneamente como abstractização do objecto e como ferramenta da interpretação histórica alarga substancialmente as hipóteses de investigação e compreensão do processo evolutivo, em especial para casos onde as fontes tradicionais (escritas e desenhadas) não permitem ir mais longe. Torna possível pôr em evidência determinados elementos considerados chave para a compreensão da forma e do seu desenvolvimento, individualizando-os, limpando o ruído que todas as representações invariavelmente comportam, centrando a atenção em elementos concretos que, assim individualizados, ganham clareza.

A utilização do desenho enquanto elemento de síntese e pesquisa de toda a informação cruzada revela-se, além disso, um elemento privilegiado na articulação entre diferentes conhecimentos ou áreas científicas, desde logo entre o conhecimento histórico e o de intervenção em processos de salvaguarda e reabilitação urbana. O que pode, de um ponto de vista operativo, caracterizar-se como uma linguagem de interface entre campos por regra separados e que se não compreendem mutuamente: o do conhecimento histórico e o do conceito, proposta, projecto de intervenção e desenvolvimento contemporâneos.

Por outro lado, após o tratamento de um número considerável de casos e a correspondente sistematização gráfica da informação desenhada produzida, será possível, com rigor científico, fazer comparações a partir das quais se estabelecerão relações, séries, tipos... assim determinando o *corpus* de conhecimento da cultura e *praxis* do território correntes à data das acções de estabelecimento e desenvolvimento urbanos em análise.

O que permitirá então – retomando o raciocínio central da apresentação, a propósito do título deste artigo – aceitar o desafio de saber se o urbanismo medieval em território português pode ou não ser considerado *cidade portuguesa*.

the gaps in traditional historiography with the solid remains found in the current city. For this to happen, all the existing information must be available and organised according to standard protocols. The most efficient – perhaps the only – means of doing this is the construction and maintenance of a Geographical Information System. It is through this system that the city becomes the most complete source of information and the best document for its own study.

↔

Evidently, knowledge of urbanistic processes goes beyond their morphological impact.

The central and ultimate goal of the history of urbanism is to understand how the city was constructed at a specific moment and how it developed onwards from that matrix. Our aim is to decode the rules governing the composition and methods of structuring the territory so as to understand how the urban material was planned and implemented, regardless of the previous usage (or not) of the design as a study, project, plan, but always as a drawn design – and thus a mental image – that divided and structured.

The simultaneous use of the design as an abstraction of the object and as a tool for historical interpretation substantially expands the potential for research into and understanding of the evolutionary process, especially in cases where the traditional written and drawn sources do not allow further progress. It becomes possible to emphasise specific elements that are fundamental for an understanding of the form and its development, individualising them, clearing away the background noise that all images invariably include and focusing attention on concrete elements that – once examined individually – become clearer.

The design as an element for synthesis and research into all cross-referenced information also emerges as a particularly potent means of articulating different forms of knowledge or academic fields, namely historical knowledge and the knowledge of intervention in the processes of safeguarding and rehabilitating the city. In operational terms, this can be characterised as an interface language between fields that are normally separated and mutually misunderstood: historical knowledge and contemporary knowledge of the concept, proposal, planned intervention and development.



## [Notas]

1 Luísa TRINDADE, *O urbanismo, o povoamento e o ordenamento do território português, séculos XIII-XV*, projecto de doutoramento em história da arte, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2 *História e análise formal na definição do conceito de intervenção em contexto urbano histórico*, projecto financiado e realizado no Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra.

3 Walter ROSSA, *Construção da cidade portuguesa: relatório da disciplina apresentado ao concurso para provimento da vaga de Professor Associado do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra*, Coimbra, edição do autor, 2005, pp. 21-25.

4 AAVV. (Fernando de TERÁN dir.), *La Ciudad Hispanoamericana – El sueño de un orden*, Madrid, CEHOPU, 1989.

5 Os equívocos foram lançados por historiadores sem qualquer formação ou investigação dirigida à matéria, como Sérgio Buarque de HOLANDA (1947), *Raízes do Brasil*, S. Paulo, Companhia das Letras, 1995, pp.91-138 (ainda que a primeira edição desta obra seja de 1936, aquela que pela primeira vez integrou este capítulo é de 1947). Cedo foram fundamentadamente desmentidos por pioneiros da disciplina como Nestor Goulart Reis FILHO, *Contribuição ao Estudo da Evolução Urbana do Brasil (1500/1720)*, São Paulo, Pini, 2001 (1964); Paulo SANTOS, *Formação de cidades no Brasil colonial*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2001 (1968); ou Roberta DELSON, *New Towns for Colonial Brazil – spacial and social planning of the eighteenth century*, Siracuse, Department of Geography of Siracuse University, 1979 (edição brasileira: *Novas Vilas para o Brasil-Colônia – Planejamento Espacial e Social no Século XVIII*, Brasília, Ed. Alva-Ciord., 1997). No entanto, só com o acumular de estudos e com a produção de encontros e publicações colectivas internacionais se ultrapassou a situação, já nos finais do século XX. Sobre estas matérias – história do desenvolvimento disciplinar e as diferenças dos processos português e espanhol –, ver Walter ROSSA (2002), "From Portuguese Experiments to the Portuguese School of Urbanism... through Renaissance Models", *Workshop Colonial Cities in the Tropics: a Comparative History*, Florence, European University Institute (no prelo). Ver ainda: Walter ROSSA, "A cidade portuguesa", in P. PEREIRA dir., *História da Arte Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995, vol. III, pp. 233-323; Walter ROSSA (1996), "O urbanismo regulado e as primeiras cidades coloniais portuguesas", *IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, Rio de Janeiro, PROURB/Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 27 a 29 Novembro 1996, publicado em AAVV., *Colectânea de Textos: Universo Urbanístico Português 1415-1822*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998, pp. 507-536; Walter ROSSA, "No primeiro dos elementos: dados para uma leitura sintética do Urbanismo e da Urbanística Portugueses da Idade Moderna", *Oceanos*, n.º 41, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000, pp. 8-21 (todos incluídos na colectânea Walter ROSSA, *A urbe e o traço – uma década de estudos sobre o urbanismo português*, Coimbra, Almedina, 2002).

6 Sobre esta matéria é bem interessante o confronto entre o paradigma estudado e estabelecido por José Eduardo Horta

After examining a sizeable number of cases and systematising the corresponding imagery, demanding academic standards can then be applied to produce comparisons that will form the basis for establishing relationships, series and types, etc. This in turn will define the *corpus* of knowledge of the standard culture and *praxis* of territory when the urban establishment and development activities in question took place.

Returning to the central logic presented in the title, this will enable us to accept the challenge of understanding whether medieval urbanism can or cannot be considered as the *Portuguese city*.

↔

## [Footnotes]

1 Luísa TRINDADE, *O urbanismo, o povoamento e o ordenamento do território português séculos XIII-XV*, PhD project in the history of art at the Faculty of Arts, Coimbra University [Urbanism, colonization and planning in the Portuguese territory, 13<sup>th</sup> to 15<sup>th</sup> centuries].

2 *História e análise formal na definição do conceito de intervenção em contexto urbano histórico*, project funded and organised by the Instituto de Investigação Interdisciplinar (Institute of Interdisciplinary Research) at the Coimbra University. [History and formal analysis for the definition of the intervention concept in historical cities].

3 Walter ROSSA, *Construção da cidade portuguesa: relatório da disciplina apresentado ao concurso para provimento da vaga de Professor Associado do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra*, Coimbra, published by the author, 2005, pp. 21-25.

4 Fernando de Terán (ed.), *La Ciudad Hispanoamericana – El sueño de un orden*, Madrid, CEHOPU, 1989.

5 The errors were made by historians with no training or research done in this area such as Sérgio Buarque de HOLANDA (1947), *Raízes do Brasil*, S. Paulo, Companhia das Letras, 1995, pp. 91-138 (although the first edition of the work dates from 1936, the first edition to include this chapter was published in 1947). The errors were promptly corrected with well-grounded arguments by pioneers in the field such as Nestor Goulart Reis FILHO (1964), *Contribuição ao Estudo da Evolução Urbana do Brasil (1500/1720)*, São Paulo, Pini, 2001; Paulo SANTOS (1968), *Formação de cidades no Brasil colonial*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2001; and Roberta Delson, *New Towns for Colonial Brazil – spacial and social planning of the eighteenth century*, Siracuse, Department of Geography of Siracuse University, 1979 (Brazilian edition: *Novas Vilas para o Brasil-Colônia – Planejamento Espacial e Social no Século XVIII*, Brasília, Ed. Alva-Ciord. 1997). However, only as studies accumulated and collective international meetings and publications appeared was this overcome at the end of the last century. On these issues – the history of the development of this disci-

CORREIA (1984), *Vila Real de Santo António – urbanismo e poder na política pombalina*, Porto, FAUP, 1998, e a sua evolução até, pelo menos, W. ROSSA, A. R. LEITE, I. COELHO, N. SIMÕES, P. BARÃO (2001), “Recenseando as invariantes: alinhamento de alguns casos de morfologia urbana portuguesa de padrão geométrico”, *Actas do V Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*, Faro, Universidade do Algarve, 2002, pp. 61-80 (incluído em Walter ROSSA, *A urbe e o traço...*, 2002, pp. 424-443). Ver também José Eduardo Horta CORREIA (1989), “Pragmatismo e utopismo na criação urbanística de raiz portuguesa no século XVIII”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais Humanas*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, vol./ano 8, 1995, pp. 103-112.

7 Robert C. SMITH (1955), “Colonial Towns of Spanish and Portuguese America”, *Journal of the Society of Architectural Historians*, nº 4, vol./ano 14, Chicago, 1956, pp. 2-12.

8 A este propósito ver Walter ROSSA, “História do Urbanismo e Identidade – a arte inconsciente da comunidade”, *História*, nº 27, Lisboa, História – Publicações e conteúdos multimédia, 2000, pp. 40-47, também publicado em Walter ROSSA, *A urbe e o traço...*, 2002, pp. 12-23.

9 Por oposição ao 2º, conformado sobre o continente africano após a secessão Portugal-Brasil em 1822.

10 Em Christine MAZZOLI-GUINARD, *Villes d'al-Andalus – L'Espagne et le Portugal à l'époque musulmane (VIIIe-XVe siècles)*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 1996, fica claro como no Al-Andalus (a área da Península Ibérica ocupada pelos muçulmanos) se desenvolveu uma cultura urbana e urbanística específica relacionada, mas não subsidiária, de outras. Claro que para além de Portugal e Espanha importa levar em linha de conta outras realidades geográficas como a Sicília, ocupada por muçulmanos no século IX e conquistada por normandos e cruzados no século XII – as datas para Palermo (capital de um emirato que atingiu um esplendor equiparável ao de Córdoba) são 831 e 1071.

11 Amorim GIRÃO, *Viseu, estudo de uma aglomeração urbana*, Coimbra, Coimbra Editora, 1925; Amorim GIRÃO, “Civitas Aeminenses”, *O Instituto*, nº 87, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934, pp. 249-261.

12 Fernandes MARTINS (1951), “Esta Coimbra”, *Cadernos de Geografia*, nº 1, Coimbra, 1983, pp. 37-78; Fernandes MARTINS, “A Porta do Sol, contribuição para o estudo da cerca medieval coimbrã”, *Biblos*, XXVII, Coimbra, 1951, pp. 321-359.

13 J. M. Pereira de OLIVEIRA, *O espaço urbano do Porto. Condições naturais e desenvolvimento*, Coimbra, Instituto de Alta Cultura-Centro de Estudos Geográficos, 1973. Veja-se uma síntese da obra destes investigadores em Fernando REBELO, “A investigação geográfica em Coimbra”, *Fragments de um retrato inacabado. A Geografia de Coimbra e as metamorfoses de um País*, Coimbra, Instituto de Estudos Geográficos-Centro de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2003, pp. 33-41.

14 Orlando RIBEIRO (1963), “Cidade”, *Dicionário de História de Portugal*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1985, vol. II, pp. 60-66.

15 João Carlos GARCIA, “As cidades na obra de Orlando Ribeiro”, *Penélope. Fazer e desfazer a História*, nº 7, Lisboa, Cosmos, 1992, pp. 107-114.

pline and the differences in the Portuguese and Spanish processes – see Walter ROSSA (2002), “From Portuguese Experiments to the Portuguese School of Urbanism... through Renaissance Models”, *Workshop Colonial Cities in the Tropics: a Comparative History*, Florence, European University Institute (forthcoming). See also Walter ROSSA, “A cidade portuguesa”, in P. PEREIRA dir., *História da Arte Portuguesa*, Lisbon, Círculo de Leitores, 1995, vol. III, pp. 233-323; Walter ROSSA (1996), “O urbanismo regulado e as primeiras cidades coloniais portuguesas”, *IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, Rio de Janeiro, PROURB da Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996/11/27-29 (published in *Coleção de Textos: Universo Urbanístico Português 1415-1822*, Lisbon, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1998, pp. 507-536); Walter ROSSA, “No primeiro dos elementos: dados para uma leitura sintética do Urbanismo e da Urbanística Portugueses da Idade Moderna”, *Oceanos*, Lisbon, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, no. 41, 2000, pp. 8-21 (all also published in Walter ROSSA, *A urbe e o traço – uma década de estudos sobre o urbanismo português*, Coimbra, Almedina, 2002).

6 The comparison between the model studied and established by José Eduardo Horta Correia on this is very interesting. See José Eduardo Horta CORREIA (1984), *Vila Real de Santo António – urbanismo e poder na política pombalina*, Porto, FAUP, 1998, and its evolution, at least up to W. ROSSA, A. R. LEITE, I. COELHO, N. SIMÕES, P. BARÃO (2001), “Recenseando as invariantes: alinhamento de alguns casos de morfologia urbana portuguesa de padrão geométrico”, *Actas do V Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*, Faro, Universidade do Algarve, 2002, pp. 61-80 (also published in Walter ROSSA, *A urbe e o traço...*, 2002, pp. 424-443). See also José Eduardo Horta CORREIA (1989), “Pragmatismo e utopismo na criação urbanística de raiz portuguesa no século XVIII”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais Humanas*, Lisbon, Universidade Nova de Lisboa, vol./year 8, 1995, pp. 103-112.

7 Robert C. SMITH (1955), “Colonial Towns of Spanish and Portuguese America”, *Journal of the Society of Architectural Historians*, Chicago, no. 4, vol./year 14, 1956, pp. 2-12.

8 See Walter ROSSA, “História do Urbanismo e Identidade – a arte inconsciente da comunidade”, *História*, Lisbon, História – Publicações e Conteúdos Multimédia, no. 27, 2000, pp. 40-47, also published in Walter ROSSA, *A urbe e o traço...*, 2002, pp. 12-23.

9 In contrast to the second: the expansion in Africa following the secession Portugal-Brazil in 1822.

10 Christine MAZZOLI-GUINARD, *Villes d'al-Andalus – L'Espagne et le Portugal à l'époque musulmane (VIIIe-XVe siècles)*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 1996, clearly shows that an urban culture and a specific urbanistic related to (but not subsidiary to) others developed in Al-Andalus (the area of the Iberian Peninsula occupied by the Moors). Evidently, besides Portugal and Spain, other geographical locations must be considered. One such case is Sicily, occupied by the Moors in the ninth century and conquered by the Normans and crusaders in the twelfth. The respective dates for Palermo, the capital of an emirate whose splendour rivalled that of Cordoba, are 831 and 1071.

11 Amorim GIRÃO, *Viseu, estudo de uma aglomeração urbana*, Coimbra, Coimbra Editora, 1925; Amorim GIRÃO, “Civitas

- 16 Orlando RIBEIRO, "A Rua Direita de Viseu", *Geographica, Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, n.º 16, vol. IV, 1968, pp. 50-63; Orlando RIBEIRO, "Acheegas para a geografia urbana de Viseu", *Opúsculos Geográficos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, vol. V, pp. 235-251; Orlando RIBEIRO (1970), "Em torno das origens de Viseu", *Opúsculos Geográficos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, vol. V, pp. 211-233; Orlando RIBEIRO, "Lisboa, gênese de uma capital", *Opúsculos Geográficos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, vol. V, pp. 72-102; Orlando RIBEIRO (1986), "Évora. Sítio, origem, evolução e função de uma cidade", *Opúsculos Geográficos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, vol. V, pp. 315-337; Orlando RIBEIRO, "Notas para o estudo da cidade de Olivença", *Opúsculos Geográficos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, vol. V, pp. 355-365.
- 17 Por entre os geógrafos que têm dedicado estudos à cidade em Portugal, destacamos apenas aqueles cujo trabalho incidiu directamente sobre a época medieval. Muitos outros, porém, são leitura obrigatória, mesmo quando vocacionados para aspectos e cronologias de âmbito mais vasto caso da visão diacrónica de Teresa Barata SALGUEIRO, *A cidade em Portugal. Uma geografia urbana*, Porto, Afrontamento, 1992; da análise de âmbito territorial de João Carlos GARCIA (1984), *O espaço medieval da Reconquista no sudoeste da Península Ibérica*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1986; ou do exame minucioso da cartografia oito e novecentista – com óbvias potencialidades para o estudo da cidade medieval – realizado por Mário Gonçalves FERNANDES (2002), *Urbanismo e morfologia urbana no Norte de Portugal: Viana do Castelo, Póvoa do Varzim, Guimarães, Vila Real, Chaves e Bragança entre 1852 e 1926*, Porto, FAUP, 2005; do mesmo autor, veja-se também, "A evolução do centro histórico de Viana do Castelo", *Monumentos*, n.º 22, Lisboa, DGEMN, 2005, pp. 6-21.
- 18 Jorge Gaspar, "A morfologia urbana de padrão geométrico na Idade Média", *Fimisteria, Revista Portuguesa de Geografia*, n.º 8, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1969, pp. 198-215.
- 19 Alberto SAMPAIO (1923), "As póvoas marítimas", *Estudos Históricos e Económicos*, Lisboa, Editorial Vega, 1979, vol. II, p. 9.
- 20 Ao contrário de outros reinos peninsulares, onde a existência de verdadeiros tratados urbanísticos medievais promoveria desde cedo uma vasta produção historiográfica, caso das Baleares com as *Ordenaciones* de Jaime II, datadas de 1300, ou do texto de Francesc Eiximenis que, nos finais do século XIV, propunha toda uma cidade ideal. Uma é outra, a par de algumas realizações efectivas promoveriam desde cedo na historiografia espanhola o interesse pelo urbanismo medieval, desde logo equacionado como potencial modelo da cidade quincentista hispano-americana. A título de exemplo, veja-se PUIG I CADAVALCH, "Idees teòriques sobre urbanisme en el segle XIV: un fragment d'Eiximenis", *Estudis Universitaris Catalans*, Barcelona, 1936; Gabriel ALOMAR, *Urbanismo regional en la Edad Media: las Ordenaciones de Jaime II (1300) en el Reino de Mallorca*, Barcelona, Gustavo Gili, 1976.
- 21 Bernardo José FERRÃO (1985), *Projecto e transformação urbana do Porto na época dos Almadas – 1758/1813*, Porto, FAUP, 1997, pp. 29-30.
- Aeminienses", *O Instituto*, no. 87, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934, pp. 249-261.
- 12 Fernandes MARTINS (1951), "Esta Coimbra", *Cadernos de Geografia*, Coimbra, 1983, no. 1, pp. 37-78; Fernandes MARTINS, "A Porta do Sol, contribuição para o estudo da cerca medieval coimbrã", *Biblas*, no. XXVII, Coimbra, 1951, pp. 321-359.
- 13 J. M. Pereira de OLIVEIRA, *O espaço urbano do Porto. Condições naturais e desenvolvimento*, Coimbra, Instituto de Alta Cultura-Centro de Estudos Geográficos, 1973. A summarised version of their work can be found in Fernando REBELO, "A investigação geográfica em Coimbra", *Fragmentos de um retrato inacabado. A Geografia de Coimbra e as metamorfoses de um País*, Coimbra, Instituto de Estudos Geográficos-Centro de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2003, pp. 33-41.
- 14 Orlando RIBEIRO (1963), "Cidade", *Dicionário de História de Portugal*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1985, vol. II, pp. 60-66.
- 15 João Carlos GARCIA, "As cidades na obra de Orlando Ribeiro", *Penélope. Fazer e desfazer a História*, no. 7, Lisbon, Cosmos, 1992, pp. 107-114.
- 16 Orlando RIBEIRO (1968), "A Rua Direita de Viseu", *Geographica, Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa*, no. 16, vol. IV, Lisbon, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1968, pp. 50-63; Orlando RIBEIRO, "Acheegas para a geografia urbana de Viseu", *Opúsculos Geográficos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, vol. V, pp. 235-251; Orlando RIBEIRO (1970), "Em torno das origens de Viseu", *Opúsculos Geográficos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, vol. V, pp. 211-233; Orlando RIBEIRO, "Lisboa, gênese de uma capital", *Opúsculos Geográficos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, vol. V, pp. 72-102; Orlando RIBEIRO (1986), "Évora. Sítio, origem, evolução e função de uma cidade", *Opúsculos Geográficos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, vol. V, pp. 315-337; Orlando RIBEIRO, "Notas para o estudo da cidade de Olivença", *Opúsculos Geográficos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, vol. V, pp. 355-365.
- 17 Among the geographers that have studied the city in Portugal, specific reference is made to those who have focused on the medieval period. However, many others are compulsory reading, even when writing on broader aspects and time-spans. Such cases include the diachronic approach by Teresa Barata SALGUEIRO, *A cidade em Portugal. Uma geografia urbana*, Porto, Afrontamento, 1992; the analysis of the territorial scope by João Carlos GARCIA (1984), *O espaço medieval da Reconquista no sudoeste da Península Ibérica*, Lisbon, Centro de Estudos Geográficos, 1986, and the detailed examination of nineteenth and twentieth-century cartography, which has clear relevance for the study of the medieval city, by Mário Gonçalves FERNANDES (2002), *Urbanismo e morfologia urbana no Norte de Portugal: Viana do Castelo, Póvoa do Varzim, Guimarães, Vila Real, Chaves e Bragança entre 1852 e 1926*, Porto, FAUP, 2005. See also his article, "A evolução do centro histórico de Viana do Castelo", *Monumentos*, no. 22, Lisbon, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 2005, pp. 6-21.
- 18 Jorge GASPAR, "A morfologia urbana de padrão geométrico na Idade Média", *Fimisteria, Revista Portuguesa de Geografia*, no. 8, Lisbon, Centro de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1969, pp. 198-215.

- 22 José Manuel FERNANDES (1992), *Cidades e Casas da Macaronésia*, Porto, FAUP, 1996. Do mesmo autor e sobre a mesma temática, veja-se: "O Lugar da Cidade Portuguesa", *Povos e Culturas*, nº 2, Lisboa, Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa, 1987, pp. 79-112; "O Funchal e o Urbanismo de Raiz Portuguesa no Atlântico – estudo comparativo e de enquadramento histórico-estrutural", *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, vol. I, 1989, pp. 247-269; *Angra do Heroísmo*, Lisboa, Presença, 1989.
- 23 Paulo Ormindo de AZEVEDO, "Urbanismo de trazado regular en los primeros siglos de la colonización brasileña", *Estudios sobre urbanismo Iberoamericano – siglos XVI al XVIII*, Sevilla, Junta de Andalucía, Consejería de Cultura, 1990, pp. 306-322.
- 24 Para um ponto da situação sobre os desenvolvimentos da temática até aos inícios dos anos 80, veja-se Antonio NAVAL MÁZ, "Estudios de Historia Urbana, Urbanismo e Centros Historicos en Italia y Francia", *Ciudad y Territorio, Revista de Ciencia Urbana*, nº 57/58, Madrid, Instituto de Estudios de Administración Local, 1983, pp.155-172.
- 25 Paulo Ormindo de AZEVEDO (1990), "Urbanismo de traçado regular nos dois primeiros séculos da colonização brasileira – origens", *Colectânea de Estudos: Universo Urbanístico Português 1415-1822*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1998, pp. 39-70.
- 26 W. ROSSA, "A cidade portuguesa", 1995; W. ROSSA (1996), "O urbanismo regulado...", 1998; W. ROSSA (1999), "Da certeza à interrogação: uma breve reflexão acerca dos trilhos da historiografia do urbanismo colonial Português da Idade Moderna", *Actas do Congresso Portugal-Brasil: memórias e imaginários*, Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2 vols., vol./ano II, 2000, pp. 339-348 (incluído em W. ROSSA, *A urbe e o traço...*, 2002); W. ROSSA, "No primeiro dos elementos...", 2000; W. ROSSA e outros (2001) "Recenseando as invariantes...", 2002.
- 27 O recurso declarado a este termo-conceito da Matemática moderna pela História do Urbanismo foi inaugurado por F. CHUECA GOITIA, *Invariantes castizos de la arquitectura española*, Madrid, Dossat, 1947.
- 28 W. ROSSA e outros, "Recenseando as invariantes..." (2001), 2002.
- 29 W. ROSSA, *Diversidade. Urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*, Coimbra, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2001.
- 30 W. ROSSA, *Construção da cidade portuguesa: relatório da disciplina...*, 2005.
- 31 Helder CARITA (1998), *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da Época Moderna (1495-1521)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.
- 32 Veja-se a este propósito os documentos de 1294, 1295 e 1305, analisados pelo autor, onde expressamente se refere a prática de cordeamentos, a definição de largura dos arruamentos ou a divisão e marcação de terrenos, práticas de resto confirmadas
- 19 Alberto SAMPAIO (1923), "As póvoas marítimas", *Estudos Históricos e Económicos*, Lisbon, Editorial Vega, 1979, vol. 2, p. 9.
- 20 This was in contrast to other kingdoms in the peninsula, where the existence of genuine medieval treatises on urbanistics soon led to a large body of historiography, such as the Balearic Islands with their *Ordenaciones* introduced by Jaime II (1300), and the text by Francesc Eiximenis, which proposed an ideal city at the end of the fourteenth century. In addition to some cities established with those characteristics, these texts soon led Spanish historiography to take an interest in medieval urbanism, which was immediately seen as a potential model for the sixteenth-century city in Spanish America. For example, see PUIG I CADAFALCH (1936), "Idees teòriques sobre urbanisme en el segle XIV: un fragment d'Eiximenis", *Estudis Universitaris Catalans*, Barcelona, 1936; Gabriel ALOMAR, *Urbanismo regional en la Edad Media: las Ordenaciones de Jaime II (1300) en el Reino de Mallorca*, Barcelona, Gustavo Gili, 1976.
- 21 Bernardo José FERRÃO (1985), *Projecto e transformação urbana do Porto na época dos Almadás – 1758/1813*, Porto, FAUP, 1997, pp. 29-30.
- 22 José Manuel FERNANDES (1992), *Cidades e Casas da Macaronésia*, Porto, FAUP, 1996. On the same theme, see other works by the same author: "O Lugar da Cidade Portuguesa", *Povos e Culturas*, no. 2, Lisboa, Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa, 1987, pp. 79-112; "O Funchal e o Urbanismo de Raiz Portuguesa no Atlântico – estudo comparativo e de enquadramento histórico-estrutural", *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, vol. I, 1989, pp. 247-269; *Angra do Heroísmo*, Lisbon, Presença, 1989.
- 23 Paulo Ormindo de AZEVEDO, "Urbanismo de trazado regular en los primeros siglos de la colonización brasileña", *Estudios sobre urbanismo Iberoamericano – siglos XVI al XVIII*, Sevilla, Junta de Andalucía, Consejería de Cultura, 1990, pp. 306-322.
- 24 For developments in this theme up to the early 1980s, see Antonio NAVAL MÁZ, "Estudios de Historia Urbana, Urbanismo e Centros Historicos en Italia y Francia", *Ciudad y Territorio, Revista de Ciencia Urbana*, Madrid, Instituto de Estudios de Administración Local, no. 57/58, 1983, pp. 155-172.
- 25 Paulo Ormindo de AZEVEDO (1990), "Urbanismo de traçado regular nos dois primeiros séculos da colonização brasileira – origens", *Colectânea de Estudos: Universo Urbanístico Português 1415-1822*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1998, pp. 39-70.
- 26 W. ROSSA, "A cidade portuguesa", 1995; W. ROSSA (1996), "O urbanismo regulado...", 1998; Walter ROSSA (1999), "Da certeza à interrogação: uma breve reflexão acerca dos trilhos da historiografia do urbanismo colonial português da Idade Moderna", *Actas do Congresso Portugal-Brasil: memórias e imaginários*, Lisbon, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2 vols., vol./year II, 2000, pp. 339-348 (also published in the collection, W. ROSSA, *A urbe e o traço...*, 2002); W. ROSSA, "No primeiro dos elementos...", 2000; Walter ROSSA et al, "Recenseando as invariantes...", 2001 (also published in the collection, W. ROSSA, *A urbe e o traço...*, 2002).

- por tabelião e membros do conselho da cidade. CARITA, *Lisboa manuelina...*, 1999, pp. 33-45.
- 33 Manuel TEIXEIRA e Margarida VALLA, *O Urbanismo português, séculos XIII-XVIII. Portugal-Brasil*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.
- 34 Assim descrevia, numa visão totalmente ultrapassada, Sérgio Buarque de Holanda as cidades que os portugueses construíram na América. HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 1947, p. 110 (ver nota 5).
- 35 C. A. Ferreira de ALMEIDA, *Alto Minho*, Lisboa, Presença, 1987. Também num outro texto, C. A. Ferreira de ALMEIDA (1987), "Muralhas românicas e cercas góticas de algumas cidades do centro e norte de Portugal", in *Cidades e História*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, pp. 137-141, na sua lição para a dinâmica urbana de então, o autor chamava sumariamente a atenção para a existência de vilas novas, muradas, de fundação régia ou senhorial patenteando na forma importantes novidades urbanísticas.
- 36 Nuno Pizarro DIAS, "As cidades de fronteira de Portugal com a Galiza", *Cadernos do Noroeste*, nº 1-2, vol. 3, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 1990, pp. 81-102. Veja-se também Nuno Pizarro DIAS, "Chaves medieval (séculos XIII e XIV)", *Aquae Flaviae*, Chaves, 1990, nº3, pp. 35-94.
- 37 Paulo Dordio GOMES, *Arqueologia das Vilas urbanas de Trás os Montes e Alto Douro. A reorganização do povoamento e dos territórios na Baixa Idade Média (séculos XII-XV)*, Porto, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1993.
- 38 A. H. de Oliveira MARQUES, *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, in J. SERRÃO e A. H. de Oliveira MARQUES dir., *Nova História de Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 1987, vol. IV, p. 190.
- 39 Saul António GOMES, "Mundo urbano", in Joel SERRÃO e A. H. de Oliveira MARQUES dir., *Nova História de Portugal*, Lisboa, Presença, 1996, vol. III (*Portugal em definição de fronteiras. Do condado Portucalense à crise do século XIV*, M. Helena da Cruz Coelho e A. L. Carvalho Homem ed.), pp. 395-398.
- 40 C. A. Ferreira de ALMEIDA e Mário Jorge BARROCA, "Urbanismo gótico", in *História da Arte em Portugal. O Gótico*, Lisboa, Presença, 2002, pp. 137-143.
- 41 Manuel Sílvio Alves CONDE, *Tomar Medieval. O espaço e os Homens*, Cascais, Patrimonia, 1996. Apesar de ser um dos casos mais emblemáticos do urbanismo planeado em Portugal e um dos mais precocemente reconhecidos como tal, ainda no século XVIII, é a Alves Conde que se deve a clarificação da sua cronologia situando o período áureo da execução do plano na segunda metade do século XIII.
- 42 Manuel Sílvio Alves CONDE e Marina Afonso VIEIRA, "A paisagem urbana do Nordeste Alentejano entre a Idade Média e os Tempos Modernos", *D. Manuel e a sua época. Actas do III Congresso Histórico de Guimarães. 3ª Secção - População, Sociedade e Economia*, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, 2004, pp. 263-286.
- 43 Fenómeno que em grande parte surgiu como repercussão do extraordinário desenvolvimento da história urbana interna-
- 27 The stated use of this term/concept from modern mathematics in the history of urbanism began with F. CHUECA GOITIA, *Invariantes castizos de la arquitectura española*, Madrid, Dossat, 1947.
- 28 *Travessa* (alley) is a secondary street linking two parallel streets. Translator's notice.
- 29 W. Rossa *et al* (2001), "Recenseando as invariantes...", 2002.
- 30 W. ROSSA (2001), *Diversidade. Urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*, Coimbra, doctoral thesis submitted to the Faculty of Science and Technology, University of Coimbra, 2001.
- 31 W. ROSSA, *Construção da cidade portuguesa: relatório da disciplina...*, 2005.
- 32 Helder CARITA (1998), *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da Época Moderna (1495-1521)*, Lisbon, Livros Horizonte, 1999.
- 33 On this theme, see the documents from 1294, 1295 and 1305, analysed by the author, which expressly refer to the practice of measuring with cord, defining the width of the streets and the division and marking out of plots of land. Indeed, these practices were supervised by a scribe and members of the city council. CARITA, *Lisboa manuelina...*, 1999, pp. 33-45.
- 34 Manuel TEIXEIRA, Margarida VALLA, *O Urbanismo português, séculos XIII-XVIII. Portugal-Brasil*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.
- 35 In a reading that is now totally obsolete, this was how Sérgio Buarque de Holanda described the cities that the Portuguese built in America. HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 1947, p. 110 (see note 5).
- 36 C. A. Ferreira de ALMEIDA, *Alto Minho*, Lisboa, Presença, 1987. As part of a section on the contemporary urban dynamic in another text, C. A. Ferreira de ALMEIDA (1987), "Muralhas românicas e cercas góticas de algumas cidades do centro e norte de Portugal", in *Cidades e História*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, pp. 137-141, the author called summary attention to the existence of new walled towns founded by the crown or feudal lords. The forms of these towns incorporated significant urbanistic novelties.
- 37 Nuno Pizarro DIAS, "As cidades de fronteira de Portugal com a Galiza", *Cadernos do Noroeste*, no. 1-2, vol. 3, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 1990, pp. 81-102. See also Nuno Pizarro DIAS, "Chaves medieval (séculos XIII e XIV)", *Aquae Flaviae*, no. 3, Chaves, 1990, pp. 35-94.
- 38 Paulo Dordio GOMES, *Arqueologia das Vilas urbanas de Trás os Montes e Alto Douro. A reorganização do povoamento e dos territórios na Baixa Idade Média (séculos XII-XV)*, Porto, MA thesis submitted to the Faculty of Arts, Porto University, 1993.
- 39 A. H. de Oliveira MARQUES, "Portugal na crise dos séculos XIV e XV", in Joel SERRÃO and A. H. de Oliveira MARQUES dir., *Nova História de Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 1986, p. 190.

cional, especialmente da francesa. Como sublinhou Bernardo de Vasconcelos e Sousa, “a publicação, em 1980, do segundo volume da *Histoire de la France Urbaine*, integralmente dedicado à Idade Média e dirigido por Jacques Le Goff, permitiu que Portugal recebesse de forma concentrada os resultados de um labor com mais de duas décadas possibilitando assim o saltar de etapas quanto aos temas, às perspectivas de abordagem, aos métodos e às problemáticas de investigação” (Bernardo de Vasconcelos e SOUSA, “Leituras, Histoire de la France Urbaine”, *Penélope – Fazer e desfazer a História*, n.º 7, Lisboa, Cosmos, 1992, pp. 173-175).

**44** Para uma visão da produção historiográfica sobre o mundo urbano em Portugal até aos finais da década de 1980, veja-se Armando Luís de Carvalho HOMEM, Amélia Aguiar ANDRADE, Luís Carlos AMARAL, “Por onde vem o medievalismo em Portugal?”, *Revista de História Económica e Social*, n.º 22, Lisboa, Sá da Costa, 1988, pp. 117-138 (concretamente as páginas 127-132), onde se pormenoriza o caminho até então percorrido, realçando-se as grandes linhas orientadoras da investigação e, ao mesmo tempo, se apontam lacunas, tendências e temáticas privilegiadas. Um outro balanço, posterior, encontra-se em Maria Helena da Cruz COELHO, “A rede e as estruturas urbanas antes da expansão. Apresentação”, *Actas do Colóquio Internacional Universo Urbanístico Português 1415-1822*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001, pp. 17-22.

**45** O seminário bianual sobre cidades funcionou nos anos de 1981-83, 1984-85 e 1986-87.

**46** A. H. de Oliveira MARQUES (1982), “Cidades Medievais Portuguesas (Algumas bases metodológicas gerais)”, *Novos Ensaios de História Medieval Portuguesa*, Lisboa, Presença, 1988, pp. 43-67.

**47** Face ao extenso volume de obras publicadas e na impossibilidade de as referir na totalidade, optámos por mencionar apenas as teses de mestrado e de doutoramento que, realizadas ou ainda em curso, viriam a servir de suporte ao *Atlas de cidades medievais* que de imediato referiremos: Maria da Conceição Falcão FERREIRA (1987), *Uma Rua de Elite na Guimarães Medieval, (1376/1520)*, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, 1989; Amélia Aguiar ANDRADE (1985), *Ponte de Lima: o espaço e as gentes (séculos XIV e XV)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990; Rita Costa GOMES, “A Guarda medieval. Posição, morfologia e sociedade, 1200-1500”, *Cadernos da Revista de História Económica e Social*, n.ºs. 9-10, Lisboa, Sá da Costa, 1987; Hermínia Vasconcelos VILAR, *Abrantes Medieval, séculos XIV e XV*, Abrantes, Câmara Municipal de Abrantes, 1988; Maria João Violante Branco Marques da SILVA (1987), *Aveiro Medieval*, Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, 1991; Manuela Santos SILVA (1987), *Óbidos Medieval. Estruturas urbanas e administração concelhia*, Cascais, Patrimonia, 1997; Ângela BEIRANTE, *Santarém Medieval*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1980; Sérgio Luís CARVALHO, *A vila de Sintra nos séculos XIV e XV*, Lisboa, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1987; Manuel Sílvio Alves CONDE, *Tomar medieval*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1988; Ana Maria RODRIGUES, *Torres Vedras, a vila e o termo nos finais da Idade Média*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e JNICT, 1995; Maria Ângela Rocha BEIRANTE (1988), *Évora na Idade Média*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e JNICT, 1995; Maria

**40** Saul António GOMES (1996), “Mundo urbano”, in Joel SERRÃO and A. H. de Oliveira MARQUES dir., *Nova História de Portugal*, Lisboa, Presença, 1996, vol. III (*Portugal em definição de fronteiras. Do condado Portucalense à crise do século XIV*, M. H. da Cruz Coelho and A. L. Carvalho Homem ed.), pp. 395-398.

**41** C. A. Ferreira de ALMEIDA, Mário Jorge BARROCA, “Urbanismo gótico”, in *História da Arte em Portugal. O Gótico*, Lisboa, Presença, 2002, pp. 137-143.

**42** Manuel Sílvio Alves CONDE (1986), *Tomar Medieval. O espaço e os Homens*, Cascais, Patrimonia, 1996. Although this is one of the most emblematic cases of planned urbanism in Portugal and one of the earliest to be recognised as such (in the eighteenth century), it was Alves Conde who clarified the chronology when he defined the second half of the thirteenth century as the golden age of implementing the plan.

**43** Manuel Sílvio Alves CONDE, Marina Afonso VIEIRA, “A paisagem urbana do Nordeste Alentejano entre a Idade Média e os Tempos Modernos”, *D. Manuel e a sua época. Actas do III Congresso Histórico de Guimarães. 3.ª Secção – População Sociedade e economia*, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, 2004, pp. 263-286.

**44** This phenomenon emerged largely as a result of the extraordinary development of international urban history, especially in France. As Bernardo de Vasconcelos e Sousa emphasised, “the publication in 1980 of the second volume of *Histoire de la France Urbaine*, entirely devoted to the Middle Ages and directed by Jacques Le Goff, meant that Portugal received the concentrated results of work that had taken over twenty years, allowing it to skip some stages of the themes, approaches, methods and research problems” (Bernardo de Vasconcelos e SOUSA, “Leituras. Histoire de la France Urbaine”, *Penélope – Fazer e desfazer a História*, no. 7, Lisboa, Cosmos, 1992, pp. 173-175).

**45** For an overview of the historiography of the urban world in Portugal until the end of the 1980s, see Armando Luís de Carvalho HOMEM, Amélia Aguiar ANDRADE and Luís Carlos AMARAL, “Por onde vem o medievalismo em Portugal?”, *Revista de História Económica e Social*, no. 22, Lisboa, Sá da Costa, 1988, pp. 117-138 (particularly pages 127-132), which detail the path followed and emphasise the main guidelines for research, while simultaneously noting gaps, trends and major themes. Another later balance can be found in Maria Helena da Cruz COELHO, “A rede e as estruturas urbanas antes da expansão. Apresentação”, *Actas do Colóquio Internacional Universo Urbanístico Português 1415-1822*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001, pp. 17-22.

**46** The biannual seminar on the city was held in 1981-83, 1984-85 and 1986-87.

**47** A. H. de Oliveira MARQUES (1982), “Cidades Medievais Portuguesas (Algumas bases metodológicas gerais)”, *Novos Ensaios de História Medieval Portuguesa*, Lisboa, Presença, 1988, pp. 43-67.

**48** Given the sheer volume of publications and the fact that it is impossible to mention them all, we have decided to refer only to the MA and doctoral theses (completed or ongoing) that acted as the support for the *Atlas de cidades medievais*. Maria da Conceição Falcão FERREIRA (1987), *Uma Rua de Elite na Guimarães Medieval, (1376/1520)*, Guimarães, Câmara

de Fátima BOTÃO, *Silves, Capital de um Reino Medieval*, Silves, Câmara Municipal de Silves, 1992.

48 A. H. Oliveira MARQUES, Iria GONÇALVES, Amélia Aguiar ANDRADE dir., *Atlas de Cidades Medievais Portuguesas (séculos XII-XV)*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 1990.

49 A ficha descritiva inclui dados relativos à topografia, população, propriedade, economia, sociedade, administração, fácies militar, religião, cultura, higiene e saúde urbanas, temas que Oliveira MARQUES (1982), "Cidades Medievais Portuguesas...", 1988, propusera como fundamentais na constituição do plano ideal de qualquer investigação científica em torno da cidade.

50 "Cidades Medievais Portuguesas (Algumas bases metodológicas gerais)", 1982; "Introdução à história da cidade medieval portuguesa", 1981; "Lisboa medieval (introdução metodológica ao seu estudo)", 1987; "Lisboa medieval (uma visão de conjunto)", 1981; "Lisboa, cidade marítima", 1988; "A persistência do elemento muçulmano na História de Portugal após a «Reconquista». O exemplo da cidade de Lisboa", 1981; "Para a História do Concelho de Cascais na Idade Média", I e II, 1987; "Sintra e Cascais na Idade Média", 1987; "Para a História do Concelho de Loulé na Idade Média", 1987, todos eles coligidos em A. H. de Oliveira MARQUES, *Novos Ensaios de História Medieval Portuguesa*, Presença, Lisboa, 1988. No âmbito metodológico e de balanço historiográfico, veja-se ainda A. H. de Oliveira MARQUES (1964), *Guia do Estudante de História Medieval Portuguesa*, Lisboa, Estampa, 1988, e A. H. de Oliveira MARQUES, "As cidades portuguesas nos finais da Idade Média", *Penélope. Fazer e desfazer a História*, n.º 7, Lisboa, Cosmos, 1992, pp. 27-34.

51 "Aspectos económico-sociais da Lisboa do século XV estudados a partir da propriedade régia", 1980; "Na Ribeira de Lisboa em finais da Idade Média", 1985; "Posturas municipais e vida urbana na Baixa Idade Média: o exemplo de Lisboa", 1986; "Uma realização urbanística medieval: o calcetamento da Rua Nova de Lisboa", 1995; "Entre o campo e a cidade na segunda metade do século XIV", 1986, todos eles coligidos em Iria GONÇALVES, *Um Olhar sobre a Cidade Medieval*, Cascais, Patrimonia, 1996.

52 No âmbito deste projecto, sediado no Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, salienta-se, para além da transcrição e publicação de documentação inédita – com destaque para os *Tombos da Ordem de Cristo: Comendas a Sul do Tejo (1505-1509)*, organização e revisão geral de Iria Gonçalves, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Universidade Nova de Lisboa, 2002, *Tombos de Santa Maria de Abade de Neiva e São Vicente de Frago, concelho de Barcelos (1493-1494)*, organização e revisão geral de Iria Gonçalves e Conceição Falcão Ferreira, Lisboa, Centro de Estudos Históricos, 2003 –, a dinamização de estudos sobre o território através dos encontros *Jornadas de História sobre Paisagens rurais e urbanas. Fontes, metodologias, problemáticas* sucessivamente realizados nos anos de 2002, 2003 e 2004. Como resultado destes encontros, foram recentemente publicadas as *Actas das Primeiras Jornadas sobre Paisagens rurais e urbanas. Fontes, metodologias, problemáticas*, coord. Iria Gonçalves, Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2005.

53 Para além do já citado estudo sobre Ponte de Lima de 1985, vejam-se: "Um percurso através da paisagem urbana medieval",

Municipal, 1989; Amélia Aguiar ANDRADE (1985), *Ponte de Lima: o espaço e as gentes (séculos XIV e XV)*, Lisbon, Livros Horizonte, 1990; Rita Costa GOMES "A Guarda medieval. Posição, morfologia e sociedade, 1200-1500", *Cadernos da Revista de História Económica e Social*, no. 9/10, Lisbon, Sá da Costa, 1987; Hermínia Vasconcelos VILAR, *Abrantes Medieval, séculos XIV e XV*, Abrantes, Câmara Municipal de Abrantes, 1988; Maria João Violante Branco Marques da SILVA (1987), *Aveiro Medieval*, Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro, 1991; Manuela Santos SILVA (1987), *Óbidos Medieval. Estruturas Urbanas e administração concelhia*, Cascais, Patrimonia, 1997; Ângela BEIRANTE, *Santarém Medieval*, Lisbon, Universidade Nova, 1980; Sérgio Luís CARVALHO, *A vila de Sintra nos séculos XIV e XV*, Lisbon, MA thesis submitted to the Faculty of Social and Human Sciences, New University of Lisbon, 1987; Manuel Sílvió Alves CONDE, *Tomar medieval*, MA thesis submitted to the Faculty of Social and Human Sciences, New University of Lisbon, 1988; Ana Maria RODRIGUES, *Torres Vedras, a vila e o termo nos finais da Idade Média*, Lisbon, Fundação Calouste Gulbenkian and Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995; Maria Ângela Rocha BEIRANTE (1988), *Évora na Idade Média*, Lisbon, Fundação Calouste de Gulbenkian and Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995; Maria de Fátima BOTÃO, *Silves, Capital de um Reino Medieval*, Silves, Câmara Municipal de Silves, 1992.

49 A. H. Oliveira MARQUES, Iria GONÇALVES, Amélia Aguiar ANDRADE ed, *Atlas de Cidades Medievais Portuguesas (séculos XII-XV)*, Lisbon, Centre of Historical Studies, New University of Lisbon, 1990.

50 The description includes data on topography, population, property, the economy, society, administration, defence, religion, culture, urban hygiene and health, themes that Oliveira MARQUES (1982), "Cidades medievais portuguesas...", 1988, suggested were fundamental in establishing the ideal plan for any academic research related to the city.

51 "Cidades Medievais Portuguesas (Algumas bases metodológicas gerais)", 1982; "Introdução à História da cidade medieval portuguesa", 1981; "Lisboa medieval (introdução metodológica ao seu estudo)", 1987; "Lisboa medieval (uma visão de conjunto)", 1981; "Lisboa, cidade marítima", 1988; "A persistência do elemento muçulmano na História de Portugal após a «Reconquista». O exemplo da cidade de Lisboa", 1981; "Para a História do Concelho de Cascais na Idade Média", I and II, 1987; "Sintra e Cascais na Idade Média", 1987; "Para a História do Concelho de Loulé na Idade Média", 1987. All these were compiled in A. H. de Oliveira MARQUES, *Novos Ensaios de História Medieval Portuguesa*, Presença, Lisbon, 1988. For methodology and a historiographic balance, see also A. H. de Oliveira MARQUES (1964), *Guia do Estudante de História Medieval Portuguesa*, Lisbon, Estampa, 1988, and A. H. de Oliveira MARQUES, "As cidades portuguesas nos finais da Idade Média", *Penélope. Fazer e desfazer a História*, no.7, Cosmos, Lisbon, 1992, pp. 27-34.

52 "Aspectos económico-sociais da Lisboa do século XV estudados a partir da propriedade régia", 1980; "Na Ribeira de Lisboa em finais da Idade Média", 1985; "Posturas municipais e vida urbana na Baixa Idade Média: o exemplo de Lisboa", 1986; "Uma realização urbanística medieval: o calcetamento da Rua Nova de Lisboa", 1995; "Entre o campo e a cidade na segunda metade do século XIV", 1986. All these were compiled in Iria GONÇALVES, *Um Olhar sobre a Cidade Medieval*, Cascais, Patrimonia, 1996.

1987; "Conhecer e nomear: a toponímia das cidades medievais portuguesas", 1993; "Percurso vividos, percursos conhecidos nos núcleos urbanos medievais", 1995; "A paisagem urbana medieval portuguesa: uma aproximação", 1998; "Espaços públicos e espaços privados nas cidades portuguesas da Idade Média", 2003, todos eles coligidos e reeditados em Amélia Aguiar ANDRADE, *Horizontes urbanos medievais*, Lisboa, Livros Horizonte, 2003. O mesmo sucederia com o conjunto de textos sobre a construção do território e da fronteira, colectados em Amélia Aguiar ANDRADE, *A construção medieval do território*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001. Para o tratamento em profundidade e extensão do mesmo tema, veja-se ainda Amélia Aguiar ANDRADE, *Vilas, poder régio e fronteira: o exemplo do Entre Lima e Minho medieval*, Lisboa, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1994.

54 Maria Helena da Cruz COELHO, "Coimbra trecentista: a cidade e o estudo", *Biblos*, nº 68, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1992, pp. 335-365; Maria Helena da Cruz COELHO, "Santo António de Lisboa em Santa Cruz de Coimbra", *Actas do Congresso Internacional Pensamento e Testemunho*, Braga, 1996, vol. I, pp. 179-205; Leontina VENTURA, "A muralha coimbrã na documentação medieval", *I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*, Coimbra, 1979, pp. 43-56; Leontina VENTURA, "Coimbra medieval", *Economia, sociedade e poderes. Estudos em homenagem a Salvador Dias Arnault*, Coimbra, Comissão Científica do Grupo de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2002, pp. 23-40; Saúl António GOMES, "A organização do espaço urbano numa cidade estreminha: Leiria medieval", *A cidade. Jornadas inter e pluridisciplinares. Actas II*, Lisboa, Universidade Aberta, 1993, pp. 81-112, ou *A comunidade judaica de Coimbra Medieval*, Coimbra, Inatel, 2003; Anísio SARAIVA, "A propriedade urbana das confrarias e hospitais de Coimbra nos finais da Idade Média", *Revista de Ciências Históricas*, X, Porto, Universidade Portucalense, 1995, pp. 155-194; Anísio SARAIVA, "A inserção urbana das catedrais medievais portuguesas: o caso da catedral de Lamego", *Revista Portuguesa de História. Homenagem aos Professores Luís Ferrand de Almeida e António de Oliveira*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 2002/2003, vol. I, tomo XXXVI, pp. 241-266; H. Baquero MORENO, "O mercado na Idade Média (o caso de Torre de Moncorvo)", *Estudos de História de Portugal, séculos X-XV*, I, Lisboa, Estampa, 1982, pp. 309-325; José MARQUES, "Património régio na cidade do Porto e seu termo nos finais do século XV (subsídios para o seu estudo)", *Actas do Colóquio O Porto na Época Moderna*, Porto, 1982, vol. II, pp. 73-97; José MARQUES, "Braga nos finais da Idade Média (subsídios para o seu estudo)", in *Braga Medieval*, Braga, 1983, pp. 43-81; Luís Carlos AMARAL e Luís Miguel DUARTE, "Os homens que pagaram a Rua Nova (fiscalidade, sociedade e ordenamento territorial no Porto quatrocentista)", *Revista de História*, VI, Porto, Universidade do Porto, 1985, pp. 7-96; Adelaide Pereira Millan da COSTA, "O refazimento da Praça da Ribeira em finais de Quatrocentos", in *Um mercador e autarca dos séculos XV-XVI: o Arquivo de João Martins Ferreira*, catálogo da exposição comemorativa da classificação do Porto como Património Cultural da Humanidade, Porto, Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1996, pp. 31-34; Adelaide Pereira Millan da COSTA, "O espaço dos vivos e o espaço dos mortos nas cidades da Baixa Idade Média", *O reino dos mortos na Idade Média peninsular*, Lisboa, Sá da Costa, 1996; Maria da Conceição Falcão FERREIRA, *Barcelos, terra de condes. Uma abordagem preliminar*, sep. de *Barcelos Revista*, Barcelos, 1991-1992; Maria da

53 This project, based at the Centre of Historical Studies, New University of Lisbon, involved the transcription and publication of unpublished documents – particularly the *Tombos da Ordem de Cristo: Comendas a Sul do Tejo (1505-1509)*, organised and revised by Iria Gonçalves, Lisbon, Centro de Estudos Históricos, Universidade Nova de Lisboa, 2002; *Tombos de Santa Maria de Abade de Neiva e São Vicente de Fragoso, concelho de Barcelos (1493-1494)*, organised and revised by Iria Gonçalves and Conceição Falcão Ferreira, Lisbon, Centro de Estudos Históricos, Universidade Nova de Lisboa, 2003. In addition, the new dynamic given to studies of the territory through the meetings *Jornadas de História sobre Paisagens rurais e urbanas. Fontes, metodologias, problemáticas*, held in 2002, 2003 and 2004 are of particular note. These meetings recently led to *Actas das Primeiras Jornadas Paisagens rurais e urbanas. Fontes, metodologias, problemáticas*, coord. Iria Gonçalves, Lisbon, Centro de Estudos Históricos, Universidade Nova de Lisboa, 2005.

54 Besides the aforementioned study on Ponte de Lima (1985), see also: "Um percurso através da paisagem urbana medieval", 1987; "Conhecer e nomear: a toponímia das cidades medievais portuguesas", 1993; "Percurso vividos, percursos conhecidos nos núcleos urbanos medievais", 1995; "A paisagem urbana medieval portuguesa: uma aproximação", 1998; "Espaços públicos e espaços privados nas cidades portuguesas da Idade Média", 2003; all compiled and republished in Amélia Aguiar ANDRADE, *Horizontes urbanos medievais*, Lisboa, Livros Horizonte, 2003. The same applies to the group of texts on constructing the territory and frontiers, compiled in Amélia Aguiar ANDRADE, *A construção medieval do território*, Lisbon, Livros Horizonte, 2001. For an in-depth and broad-ranging examination of the same theme, see also Amélia Aguiar ANDRADE, *Vilas, poder régio e fronteira: o exemplo do Entre Lima e Minho medieval*, Lisbon, doctoral thesis submitted to the Faculty of Social and Human Sciences, New University of Lisbon, Lisbon, 1994.

55 Maria Helena da Cruz COELHO, "Coimbra trecentista: a cidade e o estudo", *Biblos*, no. 68, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1992, pp. 335-365; Maria Helena da Cruz COELHO, "Santo António de Lisboa em Santa Cruz de Coimbra", *Actas do Congresso Internacional Pensamento e testemunho*, Braga, 1996, vol. I, pp. 179-205; Leontina VENTURA, "A muralha coimbrã na documentação medieval", *I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*, Coimbra, 1979, pp. 43-56; Leontina VENTURA, "Coimbra medieval", in *Economia, sociedade e poderes. Estudos em homenagem a Salvador Dias Arnault*, Coimbra, Comissão Científica do Grupo de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2002, pp. 23-40; Saúl António GOMES, "A organização do espaço urbano numa cidade estreminha: Leiria medieval", *A cidade. Jornadas inter e pluridisciplinares. Actas II*, Lisbon, Universidade Aberta, 1993, pp. 81-112, or *A comunidade judaica de Coimbra Medieval*, Coimbra, Inatel, 2003; Anísio SARAIVA, "A propriedade urbana das confrarias e hospitais de Coimbra nos finais da Idade Média", *Revista de Ciências Históricas*, no. X, Porto, Universidade Portucalense, 1995, pp. 155-194; Anísio SARAIVA, "A inserção urbana das catedrais medievais portuguesas: o caso da catedral de Lamego", *Revista Portuguesa de História. Homenagem aos Professores Luís Ferrand de Almeida e António de Oliveira*, vol. I/XXXVI, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 2002/2003, pp. 241-266; H. Baquero MORENO, "O mercado na Idade Média (o caso de Torre de Moncorvo)", in *Estudos de História de Portugal, séculos X-XV*, Lisboa, Estampa, vol. I, 1982, pp. 309-325; José MARQUES, "Património régio na cidade do Porto e seu



Conceição Falcão FERREIRA, *Guimarães: duas vilas, um só povo. Estudo de História Urbana*, Braga, dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, 2 vols., 1997.

**55** Entre a bibliografia dedicada ao tema, vejam-se Maria da Conceição Falcão FERREIRA, "Habitação urbana corrente, no Norte de Portugal medieval. Morar, tipologia, funções e quotidianos da habitação medieval", *Media Aetas, Revista de Estudos Medievais*, n.ºs. 3-4, Ponta Delgada, Patrimonia, 2000/2001, pp. 19-31; Sílvia Alves CONDE, "Materialidade e funcionalidade da casa comum medieval: construções rústicas e urbanas do Médio Tejo nos finais da Idade Média", *Media Aetas, Revista de Estudos Medievais*, n.ºs 3-4, Ponta Delgada, Patrimonia, 2000-2001, pp. 49-86; Luísa TRINDADE (2000), *A casa corrente em Coimbra, dos finais da Idade Média aos inícios da Época Moderna*, Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2002. Em qualquer um deles pode encontrar-se extensa bibliografia sobre a casa corrente medieval.

**56** A. GASPARGAR, F. S. LEMOS e M. DELGADO, "O Salvamento de Bracara Augusta", *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana* (Setúbal 1985), Lisboa, *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 3, 1986, pp. 27-53.

**57** Para um balanço da arqueologia urbana em Portugal veja-se Francisco Sande LEMOS; Manuela MARTINS, "A Arqueologia Urbana em Portugal", *Penélope. Fazer e desfazer a História*, n.º 7, Cosmos, Lisboa, 1992, pp. 93-103. Sobre Mértola e Silves, veja-se, respectivamente, Santiago MACIAS, *Mértola islâmica. Estudo histórico-arqueológico do bairro da Alcáçova*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 1996, e Rosa Varela GOMES "Da Silves islâmica à Silves da Expansão. A evidência arqueológica", *Monumentos*, n.º 23, Lisboa, DGEMN, 2005, pp. 22-29.

**58** Ilustrando com o caso de Coimbra – o que melhor conhecemos –, veja-se como, decorrente do empenho da Universidade e da Autarquia, pontos-chave como o terreiro do Paço das Escolas, Laboratório Químico, Colégio da Trindade, Pátio da Inquisição, Rua Corpo de Deus, Torre de Anto, Pátio do Castilho ou Porta da Almedina têm sido, ao longo dos últimos cinco anos, objecto de intervenções fundamentais para o conhecimento da evolução da cidade.

**59** Alguns outros investigadores têm-se debruçado sobre ferramentas, fontes e métodos para o estudo e reconstituição de realidades urbanas já desaparecidas ou jacentes sob a cidade contemporânea. Pare o efeito ver, entre outros e com aborgens bem diversas: Ramón BETRAN ABADIA, *La forma de la ciudad. Las ciudades de Aragón en la Edad Media*, Zaragoza, Delegación en Zaragoza del Colegio Oficial de Arquitectos de Aragón, 1992; Lucia NUTI, *Ritratti di città – visione e memoria tra Medioevo e Settecento*, Venezia, Marsilio, 1996; Beatriz Arizaga BOLUMBURU (1996), "La Recuperación del Paisaje Urbano Medieval: Propuesta Metodológica", *La Ciudad Medieval. Aspectos de la Vida Urbana en la Castilla Bajomedieval*, Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Científico/Universidad de Valladolid, 2002, pp. 13-33; Beatriz Arizaga BOLUMBURU, *La imagen de la ciudad medieval. La recuperación del paisaje urbano*, Santander, Universidad de Cantabria, 2002. São bem mais os estudos deste tipo desenvolvidos sobre realidades exclusivamente arquitectónicas, mas que nem sempre deixam de ser interessantes para o domínio do urbanismo. Ver, entre outros, Nancy Y. WU (ed.), *Ad Quadratum – the practical application of geometry in medieval architecture*, Hants, Ashgate, 2002, e Lorenzo Arias PÁRAMO, "Fundamentos geo-

termo nos finais do século XV (subsídios para o seu estudo)", *Actas do Colóquio O Porto na Época Moderna*, Porto, 1982, vol. II, pp. 73-97; José MARQUES, "Braga nos finais da Idade Média (subsídios para o seu estudo)", in *Braga Medieval*, Braga, 1983, pp. 43-81; Luís Carlos AMARAL, Luís Miguel DUARTE, "Os homens que pagaram a Rua Nova (fiscalidade, sociedade e ordenamento territorial no Porto quatrocentista)", *Revista de História*, Porto, University of Porto, 1985, no. VI, pp. 7-96; Adelaide Pereira Millan da COSTA, "O refazimento da Praça da Ribeira em finais de Quatrocentos", in *Um mercador e autarca dos séculos XV-XVI: o Arquivo de João Martins Ferreira*, catalogue for the exhibition to commemorate Porto being classified as World Heritage, Porto, Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1996, pp. 31-34; Adelaide Pereira Millan da COSTA, "O espaço dos vivos e o espaço dos mortos nas cidades da Baixa Idade Média", *O reino dos mortos na Idade Média peninsular*, Lisbon, Sá da Costa, 1996; Maria da Conceição Falcão FERREIRA, "Barcelos, terra de condes. Uma abordagem preliminar", *Barcelos Revista*, Barcelos, 1991-1992; Maria da Conceição Falcão FERREIRA, *Guimarães: duas vilas, um só povo. Estudo de História Urbana*, Braga, doctoral thesis submitted to Minho University, 2 vols., 1997.

**56** Among the bibliography on this theme, see Maria da Conceição Falcão FERREIRA, "Habitação urbana corrente, no Norte de Portugal medieval. Morar, tipologia, funções e quotidianos da habitação medieval", *Media Aetas, Revista de Estudos Medievais*, no. 3-4, Ponta Delgada, Patrimonia, 2000/2001, pp. 19-31; Sílvia Alves CONDE, "Materialidade e funcionalidade da casa comum medieval: construções rústicas e urbanas do Médio Tejo nos finais da Idade Média", *Media Aetas, Revista de Estudos Medievais*, no. 3-4, Ponta Delgada, Patrimonia, 2000-2001, pp. 49-86; Luísa TRINDADE (2000), *A casa corrente em Coimbra, dos finais da Idade Média aos inícios da Época Moderna*, Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2002. All the above include extensive bibliographies on the standard medieval house.

**57** A. GASPARGAR, F. S. LEMOS, M. DELGADO, "O Salvamento de Bracara Augusta", *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana* (Setúbal 1985), Lisboa, *Trabalhos de Arqueologia*, no. 3, pp. 27-53.

**58** For a balance of urban archaeology in Portugal, see Francisco Sande LEMOS; Manuela MARTINS, "A Arqueologia Urbana em Portugal", *Penélope: Fazer e desfazer a História*, no. 7, Lisbon, Cosmos, 1992, pp. 93-103. For Mértola and Silves see respectively Santiago MACIAS, *Mértola islâmica. Estudo histórico-arqueológico do bairro da Alcáçova*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 1996, and Rosa Varela GOMES, "Da Silves islâmica à Silves da Expansão. A evidência arqueológica", *Monumentos*, no. 23, Lisbon, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 2005, pp. 22-29.

**59** Illustrating this by using Coimbra (the case we know best) demonstrates how over the last five years, the efforts of the university and the local council have led to key points – such as the open space of Paço das Escolas, the Laboratório Químico, Colégio da Trindade, Pátio da Inquisição, Rua Corpo de Deus, Torre de Anto, Pátio do Castilho and Porta da Almedina – undergoing work that is fundamental for knowledge of the city's evolution.

**60** Some other researchers have studied tools, sources and methods for the study and reconstitution of urban realities that have been lost or are buried under the contemporary city. Amongst

métricos, metrológicos y sistemas de proporción en la arquitectura altomedieval asturiana (siglos VIII y X)", *Archivo Español de Arqueología*, nº 74, Madrid, 2001, pp. 233-280.

**60** Não apenas para este tipo de fontes, é fundamental a consulta de A. H. de Oliveira MARQUES (1964), *Guia do Estudante de História Medieval...*, 1988, e "Introdução à história da cidade medieval portuguesa" (1981), in *Novos Ensaios de História Medieval Portuguesa*, 1988 (ver nota 50).

**61** Exemplificando (nesta e nos casos seguintes), para Portugal contamos, nesta categoria, com o inestimável álbum de Duarte d'ARMAS (1509), *Livro das Fortalezas*, Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo/Inapa, 1997. O original pertence ao acervo da Torre do Tombo.

**62** Pe. Lorenzo MAGALOTTI (1668/9), *Viage de Cosme de Medicis por España y Portugal (1668-1669)*, Madrid, Centro de Estudos Historicos da Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas, vol./ano 2, 1933. O original pertence ao acervo da Biblioteca Laurenziana (Florença).

**63** Pinho LEAL (1873-90), *Portugal Antigo e Moderno – Dicionário...*, Lisboa, 1973-90, 12 vols., ou Américo COSTA e Joaquim NUNES, *Dicionário corográfico de Portugal Continental e Insular: hidrográfico, histórico, orográfico, biográfico, arqueológico, heráldico, etimológico*, Porto, Civilização, 1929-49, 12 vols.

**64** Sobre esta matéria contamos já com sistematizações como as de Lúcia Maria Cardoso ROSAS, *Monumentos pátrios: a arquitectura religiosa medieval - património e restauro (1835-1928)*, Porto, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995, 2 vols., e Maria João Baptista NETO (1995), *Memória, propaganda e poder: o restauro dos monumentos nacionais (1929-1960)*, Porto, FAUP, 2001.

**65** Raquel Henriques da SILVA, *As Avenidas Novas de Lisboa, 1900-1930*, Lisboa, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1986, e Anni Günther NONELL (1998), *Porto, 1763/1852: a construção da cidade entre despotismo e liberalismo*, Porto, FAUP, 2002.

**66** São excelentes os casos de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga e Viana do Castelo. Para o efeito consultar, entre outros, *Atlas da Carta Topográfica de Lisboa: sob a direcção de Filipe Folque (1856-1858)*, Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa, 2000; *Uma Cartografia exemplar, o Porto em 1892: exposição comemorativa do 1º centenário da Carta Topográfica de A. G. Telles Ferreira*, Porto, Arquivo Histórico Municipal, 1992; José Pinto LOUREIRO (org.), *Anais do Município de Coimbra (1870-1889)*, Coimbra, Biblioteca Municipal, 1937; Miguel Sopa de Melo BANDEIRA, *O Espaço Urbano de Braga: obras públicas, urbanismo e planeamento (1790-1974)*, Braga, dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, 2002; Mário Gonçalves FERNANDES (1993 e 2002), *Viana do Castelo – a consolidação de uma cidade (1855-1926)*, Lisboa, Colibri, 1995, e *Urbanismo e morfologia urbana no Norte de Portugal: Viana do Castelo, Póvoa do Varzim, Guimarães, Vila Real, Chaves e Braga entre 1852 e 1926*, Porto, FAUP, 2005.

**67** De uma forma simples, a geo-referenciação consiste na verificação dos pontos de uma qualquer representação do território, segundo um sistema universal de coordenadas garantido por uma

others (and with very diverse approaches), see Ramón BETRAN ABADIA, *La forma de la ciudad. Las ciudades de Aragón en la Edad Media*, Zaragoza, Delegación en Zaragoza del Colegio Oficial de Arquitectos de Aragón, 1992; Lucia NUTI, *Ritratti di città – visione e memoria tra Medioevo e Settecento*, Venice, Marsilio, 1996; Beatriz Arízaga BOLUMBURU (1996), "La Recuperación del Paisaje Urbano Medieval: Propuesta Metodológica", *La Ciudad Medieval. Aspectos de la Vida Urbana en la Castilla Bajomedieval*, Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Científico / Universidad de Valladolid, 2002, pp. 13-33; Beatriz Arízaga BOLUMBURU, *La imagen de la ciudad medieval. La recuperación del paisaje urbano*, Santander, Universidad de Cantabria, 2002. There are far more studies of this type that focus exclusively on architecture, but they are sometimes still of interest for urbanism. Amongst others, see ed. Nancy Y. Wu (ed), *Ad Quadratum – the practical application of geometry in medieval architecture*, Hants, Ashgate, 2002, and Lorenzo Arias PÁRAMO, "Fundamentos geométricos, metrológicos y sistemas de proporción en la arquitectura altomedieval asturiana (siglos VIII y X)", *Archivo Español de Arqueología*, no. 74, Madrid, 2001, pp. 233-280.

**61** Two works by A. H. de Oliveira MARQUES (1964), *Guia do Estudante de História Medieval...*, 1988, and "Introdução à história da cidade medieval portuguesa" (1981), in *Novos Ensaios de História Medieval Portuguesa*, 1988 (see note 51), are essential references, and not only for this type of source.

**62** To exemplify this and the following cases in Portugal, we are fortunate indeed to have access to the invaluable album by Duarte d'ARMAS (1509), *Livro das Fortalezas*, Lisbon, Arquivo Nacional da Torre do Tombo and Inapa, 1997. The original is at the Torre do Tombo archive.

**63** Pe. Lorenzo MAGALOTTI (1668-1669), *Viage de Cosme de Medicis por España y Portugal (1668-1669)*, Madrid, Centro de Estudos Historicos, Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas, vol./year 2, 1933. The original is at the Biblioteca Laurenziana (Florence).

**64** Pinho LEAL (1873-90), *Portugal Antigo e Moderno – Dicionário...*, Lisbon, 12 vols., 1973-90, and Américo COSTA and Joaquim NUNES, *Dicionário corográfico de Portugal Continental e Insular: hidrográfico, histórico, orográfico, biográfico, arqueológico, heráldico, etimológico*, Porto, Civilização, 12 vol., 1929-49.

**65** This now has systematised information, as contained for example in Lúcia Maria Cardoso ROSAS, *Monumentos pátrios: a arquitectura religiosa medieval - património e restauro (1835-1928)*, Porto, doctoral thesis submitted to the Faculty of Arts, Porto University, 2 vols., 1995, and Maria João Baptista NETO (1995), *Memória, propaganda e poder: o restauro dos monumentos nacionais (1929-1960)*, Porto, FAUP, 2001.

**66** Raquel Henriques da SILVA, *As avenidas novas de Lisboa 1900-1930*, Lisbon, MA thesis submitted to the Faculty of Social and Human Sciences, New University of Lisbon, 1986, and Anni Günther NONELL (1998), *Porto, 1763/1852: a construção da cidade entre despotismo e liberalismo*, Porto, FAUP, 2002.

**67** Lisbon, Porto, Coimbra, Braga and Viana do Castelo are excellent examples. See, amongst others, *Atlas da Carta Topográfica de Lisboa: sob a direcção de Filipe Folque (1856-1858)*, Lisbon, Arquivo Municipal de Lisboa, 2000; *Uma Cartografia exemplar, o Porto em 1892: exposição comemorativa do 1º centenário da Carta*

das redes de satélites colocados a cerca de 20.000 km da Terra para tal fim. São os GNSS (Global Navigation Satellite System), dos quais estão em serviço o GPS (Global Positioning System) e o GLONASS (GLObaluaya NAvigatsionnaya Sputnikovaya Sistema). Assim, as coordenadas geográficas de qualquer ponto da Terra (incluindo a sua atmosfera), para além de universais, são verificáveis com um grau de erro que, para os nossos propósitos, é absolutamente insignificante.

**68** Os primeiros trabalhos – nem sempre a tal especificamente dirigidos, muito experimentais e pouco sistematizados – foram produzidos no âmbito de Provas Finais de Licenciatura em Arquitectura, desenvolvidas no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Entretanto e tendo também como escopo atingir objectivos pedagógicos ambiciosos, têm vindo a ser lançados de forma dirigida temas deste tipo para o desenvolvimento de trabalhos de grupo anuais da componente prática da disciplina de História da Arquitectura Portuguesa do ano final do *curriculum* daquela licenciatura.

**69** W. ROSSA e outros, “Recenseando as invariantes...” (2001), 2002. Para casos de Lisboa – Ribeira e Bairro Alto – concretizados entre finais do século XV e as primeiras décadas do século seguinte, Helder Carita, *Lisboa manuelina...*, 1998, chegou a resultados muito precisos e estimulantes.

**70** Desde Joaquim Henriques Fradesso da SILVEIRA, *Compendio do novo systema métrico decimal aprovado pela Comissão Central de Pesos e Medidas* (1856), Lisboa, 1868, e *Mappas das medidas do novo Systema legal comparadas com as antigas nos diversos concelhos do Reino e Ilhas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1868, que esta matéria tem sido tratada por diversos autores. Quicá o estudo mais completo e actualizado seja o de Mário J. BARROCA, “Medidas-Padrão Medievais Portuguesas”, *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol./ano IX – 2ª série, 1992, pp. 53-85.

**71** Luísa TRINDADE (2004), “A Praça e a Rua da Calçada segundo o Tombo Antigo da Câmara de Coimbra (1532)”, *Méda Aetas, Revista de Estudos Medievais*, vol./ano I, 2ª Série, Ponta Delgada, Universidade dos Açores (no prelo).

*Topográfica de A. G. Telles Ferreira*, Porto, Arquivo Histórico Municipal, 1992; José Pinto LOUREIRO (ed), *Anais do Município de Coimbra (1870-1889)*, Coimbra, Biblioteca Municipal, 1937; Miguel Sopas de Melo BANDEIRA, *O Espaço Urbano de Braga: obras públicas, urbanismo e planeamento (1790-1974)*, Braga, doctoral thesis submitted to Minho University, 2002; Mário Gonçalves FERNANDES (1993), *Viana do Castelo – a consolidação de uma cidade (1855-1926)*, Lisbon, Colibri, 1995, and Mário Gonçalves FERNANDES (2002), *Urbanismo e morfologia urbana no Norte de Portugal: Viana do Castelo, Póvoa do Varzim, Guimarães, Vila Real, Chaves e Bragança, entre 1852 e 1926*, Porto, FAUP, 2005.

**68** In simple terms, georeferencing means verifying the points of any representation of the territory using a universal system of co-ordinates guaranteed by one of the networks of satellites orbiting at around 20,000 kilometres from Earth. These are the GNSS (Global Navigation Satellite System), with the GPS (Global Positioning System) and GLONASS (GLObaluaya NAvigatsionnaya Sputnikovaya Sistema) in operation. Using these references, the geographical co-ordinates of any point on earth (including the atmosphere) and universal points, can be seen with a margin of error that is – for our purposes – absolutely negligible.

**69** The first works – very experimental and not very systematic – were produced as part of the final year thesis in architecture at the Department of Architecture at the Faculty of Science and Technology, Coimbra University. Since then, with the additional goal of ambitious pedagogical objectives, themes of this type have been proposed in controlled form to develop annual practical assignments of group-work in The History of Portuguese Architecture, a final year subject.

**70** W. ROSSA *et al*, “Recenseando as invariantes...” (2001), 2002. Helder Carita, *Lisboa manuelina...*, 1998, reached very accurate and stimulating results for cases in Lisbon (Ribeira and Bairro Alto) that were completed between the end of the fifteenth and early sixteenth century.

**71** This material has been examined by several authors since Joaquim Henriques Fradesso da SILVEIRA, *Compendio do novo systema métrico decimal aprovado pela Comissão Central de Pesos e Medidas*, Lisbon (1856), 1868, and *Mappas das medidas do novo Systema legal comparadas com as antigas nos diversos concelhos do Reino e Ilhas*, Lisbon, Imprensa Nacional, 1868. Perhaps the most complete and up-to-date study is by Mário J. BARROCA, “Medidas-Padrão Medievais Portuguesas”, *Revista da Faculdade de Letras*, vol./year IX, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1992, pp. 53-85.

**72** Luísa TRINDADE (2004), “A Praça e a Rua da Calçada segundo o Tombo Antigo da Câmara de Coimbra (1532)”, *Méda Aetas, Revista de Estudos Medievais*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, vol./year I (forthcoming).